

4



Pensamento
Biocêntrico
REVISTA ELETRÔNICA

4



Pensamento
Biocêntrico
REVISTA ELETRÔNICA

Pensamento Biocêntrico

Revista

Pensamento Biocêntrico

Número 04

julho/dezembro 2005

Semestral

ISSN 1807-8028

Pensamento Biocêntrico	Pelotas	Nº 04	p - 1-95	Jul/Dez 2005
------------------------	---------	-------	----------	--------------

CORPO EDITORIAL

Agostinho Mario Dalla Vecchia

Cleber Castilhos

Gastón Andino

João Carlos Vieira Machado

Lilian Rose Marques da Rocha

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	6
ARTE - IDENTIDADE	
Cezar Wagner de Lima Góis	9
A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA E A EDUCAÇÃO PARA O “BOM SELVAGEM”	
Marinalva Lopes Ribeiro.....	29
CREATIVIDAD Y DESARROLLO	
Alberto Félix Labarrere Sarduy.....	37
BIODANZA Y EDUCACIÓN	
Rolando Toro Araneda	45
A AFETIVIDADE E A ESTRUTUA TEÓRICA UNIFICADA E SISTÊMICA DE FRITJOF CAPRA	
Agostinho Mario Dalla Vecchia Prof. Dr. e Facilitador.....	53
BRASIL – LUGAR DA ESPERANÇA	
Alessandra Bosco	81
BIODANZA® E AUTOREGOLAZIONE ORGANICA	
Sérgio Cruz.....	93

EDITORIAL

Contradigo-me? Pois bem, contradigo-me! Sou amplo,
contenho multidões”
Walt Withman

Estamos vivendo a emergência de uma nova forma de ser e de viver centrada na vida. A surpreendente fecundidade do pensamento biocêntrico, originário da vivencia do Princípio Biocêntrico, nos impulsiona a buscar formas de pesquisa e de divulgação científicas, que permitam mais e mais pessoas terem contato com a visão Biocêntrica e suas possibilidades de ação e de transformação humanas.

As novas formas de comunicação que permeiam o planeta permitem optar por este instrumento eletrônico para a criação de um periódico de caráter científico: uma revista de divulgação dos trabalhos de pesquisa do Grupo de Pesquisa CNPQ - A Teia da Vida.

Nossa motivação original para esta ação está em nossas vivências de grupo propiciadas pelo Sistema Pedagógico e Vivencial da Biodanza. A evolução do Sistema em diversos continentes, num processo criativo crescente, está permitindo operacionalizar a atuação da Biodanza em áreas como a saúde, educação, organizações, família, etc.

A Biodanza apresenta um inconfundível potencial de mobilização e de transformação humana, na expressão e no amadurecimento da identidade dos participantes dos grupos. A Biodanza, por sua natureza e por seu reconhecido potencial está exigindo um avanço de qualificação pela expressão mais ampla de seu conhecimento científico. Sua exigência é integrar e ultrapassar o

pensamento cartesiano, linear, mecanicista para ingressar no novo paradigma do pensamento biocêntrico. Servindo-se do pensamento sistêmico, a partir da concepção da realidade em rede, a Biodanza e seu modelo teórico ultrapassam uma visão de totalidade fechada. A totalidade da realidade é concebida como um todo vivo, orgânico e em permanente processo de evolução, rompendo sempre as fronteiras da totalidade do pensamento e da ação.

O pensamento biocêntrico é, por sua natureza, um pensamento sempre aberto, inacabado e em permanente expansão. O universo, unificado pela vida, se constitui de uma teia de relações em permanente pulsar na expansão criativa e no movimento entrópico que finaliza o ciclo de existência de cada realidade. A partir do caos renova-se o processo negentrópico da vida na formação de novas realidades. A idéia do movimento complexo e orgânico da realidade, permeada pela vida e pelas suas características pede um pensamento coerente e que expresse essa realidade captada vivencialmente, através dos potenciais humanos e elaborado racionalmente.

Nosso periódico terá publicação diversificada, priorizando os artigos científicos, os ensaios, os resumos, as poesias que expressam o pensamento biocêntrico. Os autores serão todos ligados a essa forma de pensamento, membros do grupo ou da comunidade de Biodanza.

Por que a diversidade das formas de expressão do pensamento? Porque é assim que surgem as variadas manifestações da vida. Porque não é somente a racionalidade lógica que expressa a realidade. Os fundamentos da ciência podem estar na filosofia, na poesia, nas vivências e nas formas significativas de expressar o pensar. Essas formas de saber não são menos radicais e válidas que o pensamento científico. Às vezes são o único meio para expressar um conhecimento mais radical do ser.

O periódico a princípio será publicado a cada três meses, podendo mudar a periodicidade. O Grupo de Pesquisa A Teia da Vida é o responsável pela revista, no seu corpo editorial. Cada autor é responsável por seus escritos.

Equipe Editorial

ARTE - IDENTIDADE

Cezar Wagner de Lima Góis
Dr. em Psicologia pela Universidade de Barcelona
Prof. de Psicologia da Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

Adotei a expressão Arte-Identidade em 1990, a partir dos trabalhos de criatividade que realizava em Biodança, como a Coragem de Criar e a Dança das Máscaras.

Baseando-se na obra de Nise da Silveira (Museu do Inconsciente), Jung, Rolando Toro e outros trabalhos na área de Arte-Terapia, vi que, de fato, a arte realizada sob determinadas condições pedagógicas e terapêuticas, tem o poder de atuar positivamente sobre o mundo arquetípico e primal do indivíduo, favorecendo processos de regulação da mente e da existência. Ademais, influi positivamente sobre a expressão do si-mesmo que, aqui, denominamos de Identidade Pessoal.

Para nós, do ponto de vista da Psicologia e da Biodança, a arte é um importante caminho de expressão e recriação da identidade pessoal e da própria mente humana. Marca o momento da grande mudança, quando o “homo” não só representava em sua mente o que via e vivenciava, mas passou a traduzir isso externamente na forma de desenho nas cavernas. Aí se revela com

todo o seu poder a imaginação humana. Nesse momento o “homo sapiens” deu o salto em direção ao humano atual. Enquanto isso outro “homo” desaparecia - o Homem de Neanderthal.

Podemos dizer que três grandes momentos nos fizeram: a descida das árvores, o uso do fogo e a pintura nas cavernas – a arte.

A imaginação surge com o gesto tosco de riscar e este riscar vira pintura, que recria a imaginação que transborda como arte, como expressão do si-mesmo em sua forma primitiva nascente e vinculada ao mundo circundante.

Esse é o ponto de partida para entendermos a arte como expressão da identidade pessoal e coletiva, por isso a proposta da Arte-Identidade, uma proposta ao mesmo tempo pedagógica e terapêutica de expressão, recriação e fortalecimento da identidade pessoal e coletiva.

IDENTIDADE

Fica claro, em meu entender, que, a partir da vida nas cavernas, o ser humano traz consigo um potencial de vida capaz de projetá-lo em múltiplas possibilidades de realização e singularidade. Somos sementes do Cosmos, palpitando, vibrando, unidos por uma rede de relações, fios de natureza que nos une entre si e ao infinito, e que, por sua vez, nos chama a dançar com autonomia e plenitude o movimento eterno. Nada pode deter essa comunicação e chamado, a não ser a própria vida em seu fluxo auto-organizador, em sua sabedoria. Cada ser vivo é uma semente que vibra e se expande conduzida por uma experiência de bilhões de anos. Não há na cultura algo mais sábio e preciso.

Somos sementes como a própria semente, buscamos nutrição, vínculo e crescimento. Ao jardineiro cabe nada mais que cuidá-las com amor, atendendo-as nos caminhos que fazem para algum lugar do infinito, revolvendo a terra e adubando-a, regando e podando com cuidado, estando presente, amando-as. As próprias sementes saberão fazer os seus caminhos, seguindo seus fios de natureza.

Cuidar da manifestação da vida é cuidar do amor. Não é um caminho fácil, é preciso sentir o coração da Natureza e perceber a profunda realidade da vida acontecendo, cada vez mais, com maior complexidade, sutileza e diversidade.

O sentir a vida, o sentir-se vivo, revela a identidade como presença, como expressão natural e espontânea da vida, acontecendo como singularidade, como auto-poieses particular (si-mesmo) da auto-poieses Universal. Do sentir-se vivo é que surge a percepção do si-mesmo, de um sentimento de vida, do qual emerge um processo antigo de desdobramento da vida em sensações corpóreas, sentimentos e reflexões. A identidade vem daí, da Biologia em direção à Psicologia, da transformação do animal em espírito enraizado ou corporeidade vivida, do desdobramento do selvagem em linguagem e o seu retorno a um lugar antigo, primal, fonte de sua aparição e concretude em um mundo natural e espontâneo – a vida animal.

Ao retornar ao movimento primordial, à vida instintiva, nos conectamos a uma verdadeira conspiração pelo ato de viver, pelo despertar de nossas potencialidades, possível em um mundo sensível de movimento, nutrição e amor. O movimento primordial é o gerador primeiro de nossa essência singular e libertária, semente original que pulsa e impulsiona o ser à vida, que se inclina a florescer em dimensões cada vez mais plenas de um ser criatura e criador.

Sinto profundamente a existência de uma essência humana libertária, de algo interior que impulsiona o ser à vida e a algum lugar do infinito, cuja origem não reside na consciência ou em qualquer forma de representação mental, mas sim, em nossa raiz animal e selvagem, natural, mundo bruto e indiviso. Aí encontramos a Vida como possibilidade singular, potencialidade muitas vezes bloqueada, reprimida, negada, porém sempre presente. Só desaparece com a destruição do ser (Rogers, 1986). Para conectar-se com ela é necessário “o retorno às origens da própria reflexão e descobrir seu solo anterior à atividade reflexiva e responsável por ela”. (Chauí, Merleau-Ponty, *Coleção Os Pensadores*, 1984:VIII).

A vida presentificada como identidade é algo em construção, que se faz permanentemente como singularidade,

portanto, ela é única e, ao mesmo tempo, variável, invariável, contínua, descontínua, próxima ao equilíbrio e afastada do equilíbrio.

Reconheço a identidade como metamorfose (Ciampa, 1987), como processo dialético histórico-cultural, construindo-se como ação e contradição em um cotidiano social e determinado. Entretanto isto não nega a sua raiz antiga e natural

No estudo de Severina, realizado por Ciampa (1987), o que surge de revelador é o processo contraditório de desvinculação (violência, fome, miséria, exploração e loucura) e de vinculação (aceitação, amor, apoio e trabalho). Em todo momento, Severina sentia que era preciso viver, a vida lhe impulsionava, lhe dava forças para se realizar. Seu projeto de vingança era aparente, se revelava frágil diante de todas as situações de amor que encontrou. O sentimento de vida, anulado em boa parte de sua vida, a manteve, ainda assim, capaz de buscar e encontrar o caminho do vínculo. Por mais deteriorada que estivesse sua tendência à vida e à realização do si-mesmo, foi capaz de emergir ante a presença de situações de vínculo e amor.

Ciampa (1987) enfocou a identidade como metamorfose, como fenômeno histórico-cultural, mas em seu estudo há algo de fundo que é a fonte mesma da identidade, algo configurado em um código genético e originado no movimento de auto-poiese do Universo, movimento primordial de um mundo sensível, instável e auto-organizado. Assim, considero a identidade em sua historicidade a partir de sua realidade biológica e natural.

O problema da identidade é discutido há muito tempo e, ainda hoje, se encontra em meio a controvérsias. Para Platão, a identidade se constitui como o que é idêntico a si mesmo. Uma coisa não pode ser igual a ela mesma, a igualdade inexiste. A não pode ser igual a A, A é A, ou seja, é o que é. A identidade é algo próprio de uma individualidade que define o ser, jamais reproduzida em outra. Para Aristóteles, A é A (Princípio da Identidade) e A não pode ser não-A (Princípio da Exclusão).

Heidegger (1981) situa o problema da identidade no sentido de sua unicidade e presença no mundo, mas não a situa como negação de si mesma. Esta a encontro tanto em Piaget (1968), quando fala da identidade como sendo a mesma e em

permanente mudança, ou seja, A é A e também Não – A; como em Buber (1977), quando diz que A só é A em presença de Tu, quer dizer, existe a necessidade de um diálogo profundo, íntimo, com o mundo (Tu, qualquer coisa, Deus), para a identidade revelar-se plena, única e, mais ainda, grandiosa, emergência do sagrado e expressão de um diálogo com o Tu Eterno (Deus), a totalidade Eu-Tu (uma relação e não uma unidade ou fusão). Além de situar a experiência (Eu-Isso) como básica Buber enfatiza o transcendente na identidade, o Tu Eterno da relação Eu e Tu.

Toro (1988) compreende a identidade a partir da vivência do estar-vivo, uma intimidade com a vida essencialmente visceral. A identidade emergindo da diferenciação genética (seleção natural e evolução biológica), e primariamente voltada para a conservação da unidade e da sobrevivência do indivíduo (auto-regulação visceral, homeostase, correlação intra-orgânica e proteção imunológica).

A vivência fundamental da identidade surge como expressão endógena do estar vivo. A vivência primordial do estar vivo é a mais comovedora e intensa de todas as vivências (...).

A vivência de estar vivo estaria afetada constantemente pelo humor corporal e pelos estímulos externos, entretanto, sua gênese seria visceral. A vivência do estar vivo daria origem a dois estados diferenciados: as primeiras noções sobre o próprio corpo e as primeiras noções de ser diferente (Toro, 1991: 271- e 272).

Entendo que a identidade é um fenômeno antes de tudo biológico e relacional, surge das sensações endógenas, necessita do outro e se constitui como paradoxo: a. Venho mudando, porém sou o mesmo; b. Só me faço presente na presença do Tu. A identidade é visível (corporal) e inacessível à interpretação, por ser expressiva e estética.

Tomando como ponto de partida as reflexões anteriores, compreendo a identidade como “o mesmo” (Parmênides), ou melhor, a capacidade de se sentir como centro de percepção de si e do mundo, em um profundo sentimento de estar-vivo, sentimento

este que é corporal, comovedor e conectado a tudo o mais. Isso implica que o ponto de partida estruturador da identidade é o sentir-se vivo, instante de transmutação da corporeidade vivida em mais presença e vínculo com o mundo.

Por esse caminho vejo a identidade como expressão de uma totalidade e não de partes de si mesmo, só possível de se realizar na imediaticidade do viver, portanto na vivência e não na consciência.

A identidade, como presença, não se pensa, se vive no aqui-agora - Presente Eterno. Ela é inacessível a qualquer forma de compreensão e visível frente ao outro. É acessível ao outro e à própria pessoa somente na vivência. Só em seus aspectos parciais se constitui como significado ou noções de si mesmo, como história e cultura. A identidade é a vida acontecendo singularmente, a vida se revelando em sua imediaticidade e beleza.

O ser humano é incapaz de compreender a identidade (ou o si-mesmo no mundo), mas é capaz de senti-la, intuí-la e viver a liberdade nela presente, principalmente na forma de movimento e expressão.

Pulsando em metamorfose, a identidade se faz presente, sendo ao mesmo tempo pequenez e grandiosidade, particularidade e totalidade, concretização da vida acontecendo como singularidade, imediaticidade e universalidade - corporeidade vivida.

Desse modo, não podemos encontrar a transcendência fora dos afazeres da vida diária, nem tampouco estes sem a transcendência, sob pena de nos debilitarmos ou destruímos a nós mesmos. A vida em sua simplicidade e plenitude é imediata e cotidiana; pulsando, transforma-se em mais vida.

Não podemos falar de vivência imanente ou de vivência transcendente. Elas constituem um único fluxo ou expressão da identidade, presente em cada vivência e fazendo-a expressão inteira e conectiva do ser no aqui-agora. Nesse sentido a identidade evolui como identidade-amor, ou seja, o amor como expressão de uma corporeidade vivida (identidade presentificada), conectiva, em uma relação de totalidade com outra identidade, uma pessoa inteira com outra pessoa inteira. (Simmel, 1993).

Em cada vivência biocêntrica há um caminho para a construção da identidade-amor, expressão mais elevada do animal

feito espírito, desdobrado do instante em espírito enraizado, em comoção, comovido. Desse modo o ser se faz sentido, pois avança na direção do amor, a mesma direção da evolução da ética que, enraizada na vida instintiva, segue o rumo da evolução do espírito, o qual, em outro tempo foi e ainda hoje e por toda a vida do ser será um antigo animal comovido pelo instante.

A expressão da identidade é a condição primeira para que o ser se torne amor, condição essa natural e biológica, anterior à historicidade e necessitando dela.

O amor é algo que ultrapassa os limites dos sentimentos e das emoções, é a expressão maior do encontro, como propõe Buber (1977). Não pode ser encontrado como algo parcial de uma relação, e sim sendo a própria relação, só possível mediante nossa presença no mundo.

As vivências biocêntricas (imanentes-transcendentes), quando surgem, levam o ser a uma maior complexidade existencial (pulsção-metamorfose), a mais autonomia - presença abrangente no mundo e abarcada pelo encontro. As vivências biocêntricas geram o Ser-Amor. Enquanto o Ser-Objeto se encontra no ser que experimenta as coisas (Eu-Isso), o Ser-Amor é o ser que vivencia a vida (Eu-Tu), só possível em uma relação de totalidade e não em uma relação com objetos. A vivência da vida é uma relação de encontro - de Amor.

Nada fundamental

Emergem
Do húmus, do vazio fértil
Do longo canal até a luz
Os contrários...
Sem ser
Sou eu

Um nascer
Uma corporeidade amorosa
Suave brisa efêmera da Vida

No templo das chamas
Construída no chão do útero
E aberta por rios interiores
Que desagua no oceano de estrelas
Sem ser
Sou eu

Uma dança... um sentimento de vida
Sem começo e nem fim
Nada fundamental
Como vida e como morte
Um é dois e quatro
Particular Universal
Presença eterna
Sou eu
Sem ser

(Cezar Wagner, Taíba, 29.11.92)

ARTE

Quando falo de arte estou falando de sensibilidade, de estética, de harmonia, do belo, da composição poética, da dança; estou falando especialmente da expressão pessoal corriqueira com a qual lidamos diariamente na forma de trabalho, lazer, vida familiar, emoção, sentimentos, prazer, luta, futuro, etc. É o belo verdadeiro!

Na arte interessa-me que a pessoa possa superar-se em cada gesto, superar seus medos, vencer suas angústias, dominar suas ansiedades e aflorar o seu potencial de vida.

A arte é um caminho essencial e indispensável da mente humana para a expressão do Si-Mesmo, caminho pelo qual podemos ser nós mesmos.

Criar é viver. Quem vive, cria. Criar é instalar o novo, sabendo que nesse instante se tornou velho. Criar é pegar o velho e explicá-lo de novas maneiras. Criar é transcender o novo e o velho.

Criar é ir fundo dentro de si mesmo, aceitar-se como criatura e movimentar-se como criador.

Nesse sentido a arte antes de tudo é um processo de recriação. Não é um fim em si mesmo. Não é estática. A arte é possibilidade de ser só e junto. Arte e identidade são inseparáveis. Quando se trabalha com arte está-se favorecendo a identidade. Arte não é uma entidade. Serve como canal de apropriação de uma dimensão da realidade que não é muito conhecida e desenvolvida. A arte consegue penetrar de forma imediata no mundo sensível-intuitivo, integrando-o ao reflexivo.

A experiência que tenho em Biodança e Psicologia Comunitária, trabalhando com arte, é algo fabuloso. As pessoas conseguem se expressar espontaneamente através de uma colagem, argila ou pintura, e se potencializar numa dimensão comunitária e universal de ser igual. Há um processo de identificação no qual se desenvolve o vínculo individual entre cada pessoa e no grupo como um todo. O vínculo fortalece a identidade fazendo com que o indivíduo se revele em sua força e coragem, assumindo essa grandeza de si.

Quando as pessoas se juntam para uma criação coletiva, estão se doando umas às outras, ao próprio Universo. Nesse momento há um campo criativo entre as pessoas, no qual se indiferenciam, se diluem. Na criação coletiva não tem partes, ou seja, ninguém individualmente está preso a um determinado ponto. Nesse processo de indiferenciação cada um se perde no outro e no material de trabalho, vivendo um consentimento mútuo, ou melhor, uma cumplicidade universal que não pertence a eles próprios.

A vida nesse instante emerge autônoma, espontânea, já que as pessoas não se intitulam como referenciais máximos ou mesmo como proprietárias da vida. Cada pessoa emerge como força instintiva, criadora do mundo e de si mesmas. Estão entregues à totalidade, estão em profunda comunhão – cada pessoa é a própria arte. Está em profunda comunicação consigo mesma, com os outros e com o Universo. Acontece uma infiltração, uma identificação. Cada qual se deixa entrar no outro, saindo inteiro em sua singularidade (Cezar Wagner, Ana Luísa Menezes e Altamir Aguiar, 1993, 2005).

Argila

Quando as pessoas entram em contato com a argila ficam meio apreensivas, curiosas. Algumas sentem logo vontade de botar a mão na massa. Outras se assustam, têm medo do que a argila pode fazer com elas... Mas como?! A argila parece tão inofensiva...

A argila é um deflagrador das emoções e da verdade interna de cada ser que se deixa sensibilizar-se. Não precisa de muita técnica para conectar-se com as emoções no trabalho com argila. Parece já haver uma intimidade, um vínculo forte e primitivo entre o ser humano e o barro. Um vínculo transcendental que remete às bases primeiras da espécie humana. Acontece uma forte vivência arquetípica.

Nessa relação, as pessoas mexem com a argila e a argila mexe com elas. Um movimento que é integrado, dinâmico, dialético e profundamente sensível. A pessoa se transfiguração em arte, em criação de si mesma.

As esculturas são arquetípicas, emergem da sensibilidade antiga, da emoção primordial. São também simbólicas, pois expressam uma história social, cultural, e um sentido existencial. Um mesmo símbolo, uma mesma imagem, pode ter diferentes significados e, com certeza, formam diversas histórias. Portanto, são singulares, qualitativos, únicos, pois a vivência em argila é única, indescritível, inclusive, para o indivíduo que a vivencia. As transformações que ocorrem no indivíduo ultrapassam qualquer objetivo puro e racional.

Cada vez que o indivíduo toca na argila e cria algo, está criando a si mesmo. Qualquer coisa nova surge. Cada escultura é a sua emoção realizada. A emoção esculpida torna-se elemento essencial e potente da objetivação do ser no mundo. A partir do momento que ele cria, mostra ao mundo a possibilidade de mudança. A dinâmica não pára.

As pessoas começam a ter a sensação de que estão profundamente vivas. Nesse trabalho não existe projeção, mas sim transmutação de energia. Na intimidade com a argila, muitas imagens vão surgindo, imagens profundas do Universo e da espécie humana que são muitas vezes negadas pela cultura e pela própria racionalidade.

A argila tem uma força evolucionária, pois nega a negação de si mesmo. Aponta para a transparência da identidade, possibilita a expressão de si. Quando o indivíduo se expressa está se colocando no mundo, dizendo seu verdadeiro nome. Consiste na liberação aliada à criação. Quando o indivíduo começa esse processo de construção de si mesmo no mundo, fica difícil de parar. Descobre sua força e percebe que a arte é expressão do seu próprio ser – se descobre criatura e criador (Cezar Wagner, Ana Luísa Menezes e Altamir Aguiar, 1993, 2005).

Dança e Música

O movimento é a propriedade básica e mais geral da vida, junto com a diversidade e a integração. Quando nos movemos temos a expressão mais genuína da vida acontecendo em nós na forma de gesto ou dança.

A dança é o movimento do ser visível, estético e expressivo, capaz de autonomia e vinculação. Cada gesto, cada expressão, revela a vida sucedendo como singularidade. Olhar e ser olhado, abraçar e ser abraçado, acariciar e ser acariciado, caminhar, saltar, correr, deitar-se no chão, mover-se com potência e suavidade, aproximar-se e afastar-se. Todos esses gestos vêm de muito longe e é necessário vivê-los.

Cada gesto constitui a vida humana emergindo desdobrada do movimento geral do Universo, da dança, das energias/partículas, da dança do pólen e das estrelas – dança de determinações e indeterminações - dança da harmonia gerando o caos e este, como Pai, germinando a Mãe que o gerou. Quando cessa o movimento, cessa o calor, a vida, vem o frio e a rigidez. A depressão, como qualquer doença, caminha neste sentido da degradação da vida e do ser. Ao contrário, quando nos movemos espontaneamente, sentimos nossa abundância interior em cada gesto - sentimos a vida plena.

Mover-se é pintar na tela da realidade a existência, bem antes de conhecê-la.

Os gestos em Biodança são plenos de expressões de vínculo e vivencialmente mobilizadores. Estão integrados à música cultural, principalmente acústica, e à musicalidade da natureza.

Esses gestos estão no cotidiano de qualquer pessoa ou qualquer povo, em qualquer época ou lugar. Revelam a profunda intimidade entre o sagrado e o profano (Eliade, 1992). Não derivam de uma cultura, senão que surgem dentro dela como expressão de profundos sentimentos individuais e da espécie. Tomam muitas vezes formas culturais, tais como nos ritos, na arte, na religião, nos costumes, na técnica e no ato simples de uma pessoa em seu dia-a-dia. Emergem através das culturas, mas não são produções culturais, são manifestações da sensibilidade frente à vida nas formas as mais variadas, do movimento ao símbolo, da ação ao pensamento. Revelam profundos sentimentos da espécie humana frente à vida.

Em qualquer gesto humano, em qualquer cultura, a espécie se faz presente - matriz biológica do gesto, estrutura estruturante.

Nem todos os gestos, mesmo sendo eles originados na vida, estão voltados para a vida. Muitos decorrem de concepções do mundo originadas em um rigor intelectual desprovido de sua raiz sensível e inocente, sem vinculação com a vida mesma, como é o caso dos gestos fascistas de uma pessoa, de um grupo ou de uma sociedade e podem, também, provir de um ser em degradação.

O movimento humano está integrado à musicalidade cultural e à musicalidade de todo o Universo. O movimento é dança e, também, música (Fux, 1983).

A dança é a expressão mais extrema do Eros Primordial, gerador de vida. Entregar-se à dança é um ato prazeroso e terrível de participação nos grandes enigmas de transformação cósmica; é participar na essência da criação, fazendo surgir o movimento da milenar aprendizagem do contato, do trabalho e da brincadeira.

A dança é não só temerário ato de vinculação ontocosmológica, senão também a celebração da comunidade entre os homens. Tem dupla origem,

portanto, uma origem sagrada e uma profana, um elemento de eternidade e um de fugacidade.

Na comovedora vivência da dança todas as fronteiras são derrubadas. O externo e o interno, o espiritual e o corporal, o transcendente e o imanente, são aspectos de uma só e única realidade. Ali no movimento inseparável dos corpos, misturam-se as energias do coração com as que chegam do Cosmos, do vento e das estrelas.

Da inocência, da dança surge a mais avassaladora sensualidade, porque os batidos da vida são sempre um impulso do contato. Os corpos possuídos pelo ímpeto da dança reproduzem, as tempestades do mar e tremor das flores ao vento (Toro, 1991, p.487).

A música sobrevive aos tempos, acompanhando a humanidade em sua evolução. Em sua forma inicial, antes do humano, era música do Cosmos, som da Natureza; aos poucos a música se desdobrou em grunhidos, sons fragmentados, sons articulados, onomatopéicos, canto e depois em fonética.

A voz humana surgiu como som da Natureza e depois como som cultural, primeiramente a partir de um estado emocional, de uma comoção; depois, como canto, coro, mantra, linguagem e música, levando o ser humano cada vez mais para dentro de si mesmo – o Ser musical.

Construindo-se na musicalidade do Universo e no próprio som de sua espécie, o ser humano é ritmo, vínculo com a pulsação da totalidade, é melodia, na intimidade da relação com o outro; é harmonia, no silêncio e quietude do si-mesmo. Vincula-se com a totalidade, com a espécie e consigo mesmo por meio de pautas musicais. A música tem a propriedade de tocar imediata e profundamente o ser humano como a outros animais. Altera todo o corpo, desde as sensações mais elementares até as estruturas emocionais crônicas resistentes a outras artes e técnicas terapêuticas.

Os estudos sobre a música e sua influência nas pessoas revelam a capacidade terapêutica contida nas pautas musicais. Podemos afirmar que o ser humano necessita da música, como da água, do alimento, da dança e do outro.

Dançar...

É tecer a Vida
Encontrar cores
Na terra molhada, na água de chuva
No sol da manhã entre as nuvens
No pássaro que pousa na árvore
Próximo ao seu ninho

Viver...

Encontrar-te na chuva, no sol
Nessas manhãs de verão, em noite de luar
Nas estrelas
Ver-te olhar o mundo
No infinito mistério da união
Celebrar a vida em suave canto
Bela, voraz, voluptuosa
Brotando em seiva nos corpos desnudos
Desmanchar-se em fornalha
Incendiando o instante
De te ver, de fundir corpos
E renascer abraçados, abrasados

Dançar...

É estar ao teu lado
Construindo a cidadania
Defendendo a vida da opressão
É ouvir atento vindo dos teus lábios
O canto de justiça e liberdade
Sofrer por ti e por quem não se conhece
Lutar por ti e por quem não se conhece
Participar da vida...

Viver...

Olhar a noite escura
E de pé, de rosto para as estrelas
Ser viagem, tornar-se luz
De muito longe, de todos os lugares
Homem-Estrela
Adormecer na noite
Silêncio de Sábio
Quietude de recém-nascido
Viajar em tempos e espaços dobrados
De magia e estórias sem fim
Sem temer planícies e abismos
Navegar e ser criança
Andar e voar por montanhas contigo
E tanto mais
Enfrentar o sombrio lago, mar tenebroso
Das fantasias, do terror, do poder
E brincar com inocência e arte

Dançar a Vida...

Encontrar-me brotando
No amor que fracassa e que floresce
No amigo que encontro
Na cidade que construo contigo
Nos filhos que me ensinam
O que não consegui ensinar-lhes
Na passagem dos anos
No tempo e no não-tempo
Do amar.
(Cezar Wagner, *For*, 03/08/92)

Dramatização

Vem do grego (drama = ação). Moreno propõe a ação como base da existência.

Moreno nunca trabalhou ao estilo psicológico de escutar horas intermináveis seus pacientes, numa atitude mais passiva do que ativa. Sempre foi muito atuante. Nunca admitiu a possibilidade de sucesso diante de uma conduta passiva. Tal modo de pensar evidencia uma personalidade expansiva, ágil e fortemente extrovertida. Anzieu, referindo-se a Moreno, atribui-lhe o lema de que o homem está no que faz e não no que oculta. Tem aversão ao divã psicanalítico, onde o paciente fica preso, estático. Há necessidade de espaço para o movimento e atuação do paciente. Não aceita o consultório médico como um confessionário; há necessidade da participação e da interação de outras pessoas. A teoria moreniana é basicamente dialógica. Nunca o Eu poderá encontrar-se através de si mesmo, só poderá encontrar-se através de um outro, do 'tu' (Fonseca Filho, 1988, p.6).

O jogo dramático é um meio de retomar vivências gravadas na história individual e coletiva, trazê-las ao presente como vivência do presente e não do passado, facilitando ao participante a condição de protagonista e espectador, com outros, de si mesmo. Cria o distanciamento necessário à manifestação da consciência do vivido, onde o material psíquico acumulado por repressões é transformado em instante vivido e elaborado como realidade presente.

O uso da dramatização (como técnica psicodramática ou como teatro popular), requer um preparo do facilitador para lidar com a atividade psíquica revelada como drama pessoal e político, individual e coletivo. No meio comunitário, visa aos participantes lidarem com a sua história pessoal e comunitária construída na realidade em que vivem e onde o drama de suas vidas se desenrola,

sempre numa perspectiva de construção do indivíduo que se faz sujeito de seu mundo em busca de um mundo novo. Não é estimulada a situação psicoterápica, mas, em alguns momentos, há de se lidar com ela. O sentido da dramatização, em Psicologia Comunitária, é o jogo da espontaneidade, da criatividade e da consciência (Moreno, 1990), em um contexto dialógico, transformador e libertário, revelador da opressão e da anulação (Boal, 1980) e, ao mesmo tempo, impulsor da construção da identidade e de um novo modo de vida comunitário.

Os moradores interpretam papéis de seu cotidiano, trazendo à cena o modo de vida do lugar, seus problemas e dificuldades, seus êxitos e encontros, suas lutas, danças, festas, brincadeiras e sátiras, suas buscas e esperanças. Interpretam a vida de oprimido (Boal, 1980) e de sujeitos em construção - identidade como metamorfose (Ciampa, 1987).

Teatro de Rua (Junio Santos)

É a origem mais genuína e popular do teatro que expressa com graça e brilho a dureza cotidiana do homem comum, refletindo e apontando caminhos para superar os desajustes sócio-políticos da vida atual.

A origem do teatro de rua se confunde com a própria história do homem, tendo como fonte primitiva os rituais tribais, onde o homem procurava dramatizar as experiências cotidianas da caça. Outras fontes do teatro de rua podem ser consideradas os ditirambos gregos, o culto ao deus Dionísio e os espetáculos religiosos da idade média, na Europa. A partir desse momento e mais adiante, com a comédia Del'Art, o teatro livre de rua, com seus famosos atores mambembes, passaram a ocupar as praças e feiras das cidades e lugarejos, levando ao povo sua mais antiga forma de expressão.

O teatro de rua trabalha em seus atores, além do prazer pelo fazer teatral, a satisfação política de torná-lo instrumento eficaz de transformação do mundo presente. É comum o teatro de rua ser praticado por jovens, crianças, sindicalistas e movimentos

populares em todo o território nacional. Porém, hoje, a prática desse fazer teatral é mais evidente no nordeste brasileiro, especialmente nos estados do Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão.

Em meados dos anos '60 a Bahia iniciou forte movimento chamado Teatro Livre da Bahia, que influenciou artistas sergipanos propiciando a criação do Grupo Imbuanga de Aracaju, o Mambembe entre outros.

No Rio Grande do Norte surgiu, além da grande Cia. Alegria Alegria, o maior movimento independente de teatro de rua da América Latina, o Escambo Teatral de Rua, que conta com a adesão de 40 grupos do Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão, multiplicando a vontade de brincar de teatro entre atores e cidades inteiras.

Além desse forte e jovem movimento, o teatro de rua brasileiro dispõe de um elenco de grupos e companhias do mais alto nível de renome nacional e internacional como o Tá na Rua do Rio de Janeiro, o Galpão de Belo Horizonte, a Turma da Aldeia do Rio Grande do Sul, entre outros, que gozam de uma vasta experiência acumulada de vários anos de luta.

Em Icapuí - Ceará, cidade de 13.665 habitantes, o teatro assume um papel de extrema importância político-pedagógica, quando procura atingir todos os níveis e faixas etárias da população, trabalhando vários temas de interesse social e político. O teatro de rua se revela para a história do povo icapuiense como uma sonda que perfura e aponta para todas as direções, perpassando as consciências do homem praiano, no sentido de construir uma nova mentalidade, mais humana e solidária (*Junio Santos e Ray Lima, 1994*).

CONCLUSÃO

Criar significa, entre outras coisas, transformar, inovar, crescer, mudar a si e ao mundo, com o mesmo gesto, no mesmo ato.

Fala-se de adaptação equivocadamente, visto que o que ocorre de fato é um processo de transformação recíproca entre indivíduo e realidade objetiva, no qual o mais evidente não é uma ação, e sim uma interação, ainda que seja entre sujeito e objeto. O mundo se subjetiva e se torna realidade interna e particular do ser, enquanto este se objetiva no mundo como singularidade, como expressividade, como arte. Por outro lado, o objeto transformado se torna símbolo, ganha significação, se faz sensibilidade, se faz, também, arte.

O animal explorador se orienta por sinais, investiga o ambiente para se proteger, habitar, alimentar-se e procriar. Ao passar à condição humana, torna-se curioso e apaixonado, manipula objetos e faz arte, quer conhecer o mundo e construir seu próprio caminho. Expressa realidades internas singulares na forma de gesto, símbolo ou ação. Torna-se espírito enraizado em permanente recriação existencial.

O processo criativo se dá desde o Universo em evolução (nebulosas galáxias, estrelas, planetas), passa pela divisão, renovação e integração celulares e se estende até as formas mais sensíveis e complexas da criação humana como uma sonata, uma pintura ou, inclusive, um conhecimento ou uma tecnologia. Autopoiese particular de uma autopoiese Universal.

Desse modo entendemos a Arte-Identidade, uma abordagem pedagógica e terapêutica que toma como ponto de partida a arte como mediadora da relação indivíduo-indivíduo-mundo, como facilitadora da expressão do potencial de vida inerente a todo ser humano, o qual, por muitos caminhos anseia expressar-se, fazer-se singularidade amorosa.

A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA E A EDUCAÇÃO PARA O “BOM SELVAGEM”

Marinalva Lopes Ribeiro,
Ph.D, professora adjunta do Departamento de Educação da UEFS.

Resumo

Este artigo objetiva articular o pensamento de Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês que viveu no século XVIII, com o pensamento de Rolando Toro, antropólogo e psicólogo chileno da atualidade, criador do Sistema Biodanza e inspirador da Educação Biocêntrica. Identificamos diversas características da educação selvagem (Educação Biocêntrica) que são similares à educação do “bom selvagem”.

Palavras-chave: Educação biocêntrica, bom selvagem, princípio biocêntrico, Rousseau.

Evidentemente, não podemos considerar Toro nem Rousseau como educadores no sentido de terem desenvolvido técnicas pedagógicas precisas. Na obra dos dois estudiosos, não encontramos todos os pormenores, mas princípios gerais sobre a educação. O propósito deste artigo é apresentar traços da educação selvagem proposta por Toro (biocêntrica) que estão presentes na

educação do “bom selvagem” de Rousseau. Vejamos alguns desses princípios e em que esses pensadores se aproximam.

Rolando Toro, antropólogo e psicólogo chileno, criador do sistema Biodança, em seus trabalhos, tem criticado o paradigma sobre o qual está pautada a educação atual: o paradigma conservador. Segundo ele, o currículo praticado na escola é intelectualista. Cobra-se do aprendiz a memorização de regras, conceitos e fatos que são vomitados em provas e testes sem que esse conteúdo livresco tenha algum sentido para a vida do ser em formação. Ao examinar “Émile”, obra de Rousseau dedicada à educação, percebemos que, de modo semelhante, ele critica a educação livresca chegando a radicalizar a negação do livro em favor da conservação da tradição: “A leitura é o flagelo das crianças e quase a única ocupação que sabem dar-lhes” (ROUSSEAU, 1973, P. 109). E ainda:

Detesto os livros; só ensinam a falar do que não se sabe. Dizem que Hermes gravou em colunas os elementos das ciências para pôr suas descobertas ao abrigo de um dilúvio. Se os tivesse gravado na cabeça dos homens, aí se teriam conservado por tradição” (ROUSSEAU, 1973, p. 197).

O filósofo francês em destaque também critica a memorização de conceitos, nome de reis, datas, termos de heráldica, de geometria, etc., sem que tenham utilidade e sentido para a criança: “Emílio nunca aprenderá nada de cor, nem mesmo fábulas, nem mesmo as de La Fontaine, por ingênuas e encantadoras que sejam” (ROUSSEAU, 1973, p. 104).

A escola que está aí, segundo Toro é arcaica e refratária à mudança. Os ensinamentos que são veiculados por essa instituição não dão conta das demandas do homem contemporâneo, nem das suas necessidades em relação à intimidade com a natureza, à confiança em si mesmo, à mudança e à aprendizagem do amor.

Desse modo, Toro propõe a “educação selvagem”, a qual constitui uma verdadeira revolução nos paradigmas que fundamentam a educação escolar, a fim de que o aprendiz possa cultivar seus potenciais genéticos (TORO, 1991). A educação selvagem é uma forma de devolver o instinto à natureza humana e propiciar a preservação da vida mediante a reaprendizagem de suas funções originais. Toro (2002) considera que a finalidade biológica

dos instintos é a adaptação ao meio para a sobrevivência da espécie. No entanto, “a cultura obstrui, desorganiza e perverte os instintos, dando origem à patologia social e individual” (TORO, 1999b, p. 41) O termo educação selvagem, no entanto, polemizado no meio educacional, foi substituído por Educação Biocêntrica.

Partindo do sentimento de sacralização da vida, do gozo de viver, da integração do sujeito com seu semelhante e com a natureza, a Educação Biocêntrica objetiva a conexão com a vida mediante o estímulo dos potenciais genéticos (instintos, protovivências e vivências) que constituem a estrutura básica da identidade biológica e que, segundo Toro, se encontram inibidos. Em Rousseau também encontramos a valorização da alegria, do gozo e dos instintos:

Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto [...] Por que arrancar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? [...] fazei com que dele gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus as chame, não morram sem ter gozado a vida (ROUSSEAU, 1973, p. 61).

Na educação biocêntrica muda-se radicalmente os componentes do currículo para a construção do conhecimento sobre o viver. Nesse sentido, o centro das disciplinas passa a ser a relação do indivíduo consigo, com o outro e com a natureza. De semelhante forma, Rousseau questiona os conteúdos curriculares propostos pela escola de sua época, sugerindo que eles fossem pautados no seguinte questionamento: “Para que serve isto?” (ROUSSEAU, 1973, p. 190). O ensino de história, por exemplo, baseada em fatos, não parece ter sentido:

Acredita-se que o verdadeiro conhecimento dos acontecimentos seja separável do de sua causa, de seus efeitos, e que o histórico se prenda tão pouco ao moral que se possa conhecer um sem o outro? Se não vedes nas ações dos homens senão movimentos exteriores e puramente físicos, que é que aprendeis na história? Absolutamente nada; e tal estudo desprovido de interesse não vos dá mais prazer que instrução” (ROUSSEAU, 1973, p. 101).

Nos escritos rousseauianos a natureza chega a se confundir com o seu próprio método: “Supondo, portanto que meu método seja o da natureza e que eu não me tenha enganado na aplicação...” (ROUSSEAU, 1973, p. 164). Segundo Château (1978) e Santiago (2004), Rousseau objetivava uma sociedade racional e respeitosa da natureza, entendida em sentido mais largo e mais espiritual, mediante uma filosofia de vida que desenvolvesse a essência interior do ser humano. Em Toro, observamos que o homem é um ser ecológico, cuja relação com a natureza é essencial para o desenvolvimento da consciência ecológica (TORO, 1999b).

A Educação Biocêntrica introduz a dimensão que tem sido negligenciada ao longo dos séculos: a afetividade. A esperança de Toro está depositada na conexão afetiva, na mensagem que vem do coração de maneira não intelectualizada, mas vivencial para que a vida possa ser encarada de uma maneira mais sensível e humana. A educação rousseauiana está longe de fomentar o vínculo afetivo entre as pessoas. No entanto, o sentimento é a faculdade mais elevada, mediante a qual se atinge a interioridade e se cultivam valores que constituem a humanidade como: a verdade, a bondade, a piedade: “Para tornar-se sensível e piedoso, é preciso que a criança saiba que há seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que sentiu, e outras de que deve ter idéia como as podendo sentir também” (ROUSSEAU, 1973, p. 245).

A escola idealizada por Toro é fundamentada no princípio biocêntrico, de acordo com o qual, o universo é um gigantesco holograma vivo. “O princípio biocêntrico se inspira na intuição de um universo organizado em função da vida” (TORO, 1999a, p. 12). A vida existe antes do universo e guia a sua construção devendo, por isso, ser sacralizada. Desse modo, tendo como prioridade ações que permitam a potencialização da vida e a expressão de seus poderes evolutivos, o princípio biocêntrico exige do indivíduo a posição política de defendê-la, de promovê-la e de lutar contra todos os mecanismos de exploração, de morte biológica, de morte social e existencial e pelo gozo de viver, pelo direito ao amor e ao contato (TORO, 1999b).

Para Toro, a vida é ampla e abarca tudo o que existe: desde as bactérias, os microorganismos, os vírus, o código genético, até os pensamentos mais sutis. Nesse sentido, “toda expressão, todo movimento, toda dança, é uma linguagem vivente” (TORO, 1999a, p. 13). Ao examinar “Émile”, percebemos também que a preocupação é estudar a própria vida e conservá-la: “logo que Emílio souber o que seja a vida, meu cuidado consistirá em ensinar-lhe a conservá-la” (ROUSSEAU, 1973, p. 210), pois seu aluno está em contato direto com a natureza, com a qual aprende: “toma lições da natureza e não dos homens” (*Idem*, p. 113).

Como vimos anteriormente, Toro critica a educação intelectualista e em seu lugar propõe que a educação seja pautada numa metodologia vivencial. Rousseau parece concordar com essa idéia ao defender a aprendizagem mediante a experiência, o próprio viver. Com efeito, “a experiência adianta-se às lições; [...] não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; só da experiência ele as deve receber” (ROUSSEAU, 1973, p. 42; 78).

Para Rousseau, o século XVIII, no qual viveu, era agitado. Nesse sentido, considerava insensata a forma de educar a criança trancada no quarto. Ao contrário, ela deveria desenvolver-se em pleno contato com a natureza e de forma integral, quer dizer, usando todos os seus sentidos, para que pudesse viver plenamente. Viver, para esse filósofo francês seria:

Fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquele que conta maior número de anos e sim o que mais sente a vida” (ROUSSEAU, 1973, p. 16).

Se por um lado, Toro critica a nossa cultura, Rousseau, por outro lado, chega a considerar, segundo Château (1978), que a integração do ser humano na sociedade é o equivalente do pecado original: “tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações [...] não quer nada como o fez a natureza (ROUSSEAU, 1973, p. 9). Mas, como não é possível confinar o homem a uma vida solitária, uma redenção seria possível dentro da própria sociedade: responder à voz divina, cabendo ao próprio homem encarregar-se do seu destino e da

assunção da sociabilidade. Portanto, o selvagem a que se refere Rousseau, foi feito para habitar as cidades, pois a vida social é necessária: “Emílio não é um selvagem a ser largado no deserto, é um selvagem feito para viver na cidade” (ROUSSEAU, 1973, p. 225). Embora reconheça que a cidade é portadora de valores desumanizadores, o homem não pode viver distante dela: “Adeus, pois, Paris, cidade célebre, cidade de barulho, de fumaça e de lama [...] Adeus, Paris; procuramos o amor, a felicidade, a inocência; nunca estaremos suficientemente longe de ti” (*Idem.*, p. 413).

Outro ponto de encontro entre os teóricos que estamos examinando neste trabalho é a ênfase no movimento corporal. Jogar, correr, pular, dançar são reconhecidos como atividades naturais da criança. Na Educação Biocêntrica, entretanto, trabalha-se com o centro afetivo que integra a motricidade, de modo que os jogos e gestos arquetípicos, realizados com músicas especialmente selecionadas, tornam-se danças e são propostos com a função de vínculo (TORO, 2002).

Finalmente, destacamos a liberdade como característica da educação do “bom selvagem”. Para Rousseau, ser livre é conservar seu lugar no mundo mediante o uso de forças naturais. Nesse sentido, o educador deve cercá-lo de meios favoráveis para desenvolver-se em liberdade, mesmo que ela seja, na opinião de Château, uma liberdade “muito regrada” (CHÂTEAU, 1978, p. 206). Se a criança é deixada em liberdade, ela torna-se viva, leve, bem disposta, alegre, com ar de contentamento e serenidade, com uma fisionomia aberta e sorridente, tornando-se, no momento oportuno, auto-suficiente e sem angústia. (ROUSSEAU, 1973, p.168).

Considerações finais

Ao longo deste texto, comparamos a educação selvagem, proposta por Toro com a educação para o bom selvagem, proposta por Rousseau. Mostramos que as obras desses pensadores, que tanto dignificam a educação, se entrelaçam e se atualizam, embora Rousseau tenha vivido há mais de dois séculos e meio.

Observamos que esses dois idealistas criticam os paradigmas da educação vigentes em sua época, que se caracterizam, respectivamente, pela intimidação moral, castigo físico e intelectualismo. Eles apresentam propostas inovadoras para o currículo escolar no que diz respeito à liberdade, ao movimento humano, ao prazer, à alegria, à vivência e ao cultivo de valores que possam gerar, respeitar e celebrar a vida do universo.

Referências bibliográficas

SANTIAGO, Gabriel Lomba. A concepção de felicidade no pensamento de J.-J. Rousseau. **Revista Reflexão**, Campinas, nº 85/86, p. 11-27, jan./dez., 2004.

CHÂTEAU, Jean. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo : Difusão européia do livro, 1973.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodanza**. Coletânea de textos, v. 1 e 2. Fortaleza, Ceará: Alab, 1991.

_____. **Definicion y principio biocentrico**. Curso de formación docente de Biodanza. Santiago de Chile, 1999a.

_____. **Educacion biocentrica**. Santiago: Escuela modelo de Biodanza, 1999b.

_____. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002.

CREATIVIDAD Y DESARROLLO

Alberto Félix Labarrere Sarduy*

Introducción

Cuando me propusieron expresar algunos de mis puntos de vista sobre la creatividad en este Simposio sobre Biodanza, Educación y Terapia, dudé en buena medida. Dudé, porque si bien he trabajado la creatividad a lo largo de muchos años, no ha sido así con la (Bio)danza. Los conocimientos que poseo acerca de *Biodanza* resultan bastante aproximativos, y es esta una de las primeras oportunidades de introducirme sistemáticamente a los fundamentos, tradiciones y métodos de esta escuela o movimiento, que hoy tiene adeptos a escala mundial.

Más allá de cierta experiencia con bailes -preferiblemente caribeños- la danza en sí misma es un dominio que también, como especialidad, me es un tanto ajeno. Pero el tema de Biodanza que nos convoca, me trajo a la memoria momentos del disfrute de la música y los pasos; el gozo individual y colectivo (en pareja o grupos mayores) que se produce cuando nos aplicamos o

*Licenciado en Psicología, Universidad de La Habana y Psicólogo, Universidad de Chile. Especialización en Lovaina. Doctorado Academia Ciencias Pedagógica, URSS. Profesor e investigador, Universidad de La Habana y Academia de Ciencias de Cuba. Docente Universidad de Chile, Pontificia Universidad Católica, Universidad Santo Tomás y Diego Portales.

entregamos al baile. Tal vez este sea un buen motivo de comienzo para exponer mis puntos de vista.

El sentido de la danza

En el baile, puede uno hacerlo mejor o peor; lo único que importa es el cuerpo y la música. El cuerpo en la música o la música en el cuerpo; la música que atraviesa el cuerpo o viceversa, produciéndose una simbiosis donde el baile, lo bailado y el bailador, devienen uno, indiferenciables en ritmos y melodías. Se vence entonces la traba que significa hacerlo mal; se rompen las ataduras y en consecuencia, uno se halla en un ambiente de creatividad y creación.

Es la eclosión de significados que no sabíamos que teníamos ahí en el cuerpo, pero que ahora éste expresa como si los hubiera aprendido y únicamente estuviera esperando el momento propicio para decirlos, mostrarlos, para arrojarlos al mundo, como algo nuestro que desde ese momento deja de pertenecernos. Ese, el contexto del baile y la música, del cuerpo y el baile, de la música y el cuerpo, se expresa como ámbito donde cada uno crea a su medida; genera pasos nuevos, anticipa acordes, prolonga otros, acorta unos más y así da a luz un universo de placer que se transmite, o contagia en un efecto circular o de circularidad plena, que se prolonga, que permanece más allá del momento de la danza que vivenciamos. Tal vez este sea un sentimiento atávico. Herencia de tiempos ancestrales, transmitida en nuestra biología: así debió sentirse el hombre primitivo cuando en su danza creaba el mundo, generaba su subsistencia. Creaba el mundo y se creaba a sí mismo en el ritual danzario.

Educación y creatividad

En lo anterior, he tratado de evidenciar la noción de unidad, de integración que se produce durante el baile, con mayor rigor, si se quiere, en la danza. En la danza libre, danzante, cuerpo,

mente y experiencia de la danza devienen uno, inevitable e inextricablemente imbricados en una madeja inseparable; donde cada “componente” resulta definido por el otro. En educación, por lo común, no ocurre así. Las tentativas sistemáticas de formar al sujeto, contradicen la verdad raigal de la unidad de las cosas en el mundo y el mundo en las cosas. Es la educación en y para la escisión, herencia del pensamiento cartesiano hegemónico durante la modernidad y enraizado en los tiempos postmodernos, si es viable el término.

Buena parte del siglo XX nos ha formado en cierta medida bajo la égida escisionista que divide el mundo y aísla las cosas entre sí. La separación de la mente y el cuerpo como expresión de la mirada cartesiana continuó señoreando sobre nuestras representaciones y así, en el terreno de la creatividad (considerada principalmente como un acto de la razón) aprender a crear, bajo la asunción de que es posible convertirse en un creador, ésta se veía o se ve como la posesión de técnicas e instrumentos que permitan crear, solucionar problemas, ver el mundo de manera diferente, comprender relaciones, poder arribar a soluciones o productos de utilidad social, que los otros deberían sancionar.

Se separaron así, y desde esta misma mentalidad aludida, la creatividad como proceso, como producto, como contexto, como expresión del sujeto. La creatividad se consideró patrimonio de una mente lo suficientemente entrenada y poderosa como para producir novedad y originalidad, que no recurría a otro instrumento que a la razón. El cuerpo estaba ahí, pero no era ni siquiera un emisario, sólo un testigo mudo y casi inútil a la sombra o a la luz, pero inútil... o en última instancia irrelevante. Si bien se partió del requisito de que la creación y la creatividad necesitan desbloqueo, desinhibición y dosis de libertad para expresarse, este momento se vio en sí mismo, y el producto final o el destino de lo que allí ocurría era convertirse en un producto censurado y que sólo mediante la censura deviene obra creativa en tanto novedad y originalidad. De nuevo la razón haciendo de las suyas.

Tal vez uno de los resultados más infelices de la educación en el siglo XX, ha sido el no trabajar suficientemente en la eliminación de las barreras reales que se alzan ante la creatividad de los estudiantes, hacerlos ver como meros consumidores y

repetidores de patrones; en términos de danza ponerlos en la situación de repetidores de pasos inventados por otros y no situarlos en la posición de quien inventa, crea sus propios pasos; acallando, de esta manera, la potencialidad personal de crear, cerrando las puertas al disfrute verdadero de ese hacer creativo en las aulas, en las situaciones de aprendizaje.

Breve mirada al espacio creativo.

Existen tres aspectos, que creo han recibido muy poco tratamiento sistemático en educación. Estos son: la vivencia creativa; la intencionalidad y la disposición creativa del sujeto; y la responsabilidad creativa. Me detendré brevemente en cada uno de ellos.

La vivencia creativa.

Todo momento genuinamente creativo genera esa “sensación” de estar creando, que puede denominarse vivencia. Soy consciente de que manejo una noción de vivencia nada ortodoxa, que no es solamente un estado psicofísico; sino que abro la posibilidad de vivencia como la integración de emocionalidad y conocimiento; hacer y sentir lo que se hace, hacer y sentir con todo el cuerpo y en todo el cuerpo. Así entendido, el espacio creativo es, sobre todo, un modo de vivencia. Un espacio donde el estudiante, sea el caso, debe experimentar el estar ahí en todo su ser. Crear es vivenciar la creatividad y sentirla como piel. Sentirse fundido en producto, proceso y condiciones, perderse y encontrarse en el todo. Y esa mirada se ha perdido en un universo de enseñanza y aprendizaje que concibió o concibe la creatividad sólo como solución de problemas y obtención de productos novedosos y originales. Aprender a ser creativo es vivir el instante en que uno está pariendo algo (nuevo); es la sensación de estar participando en/de una actividad que nadie puede hacer por uno, más acá o más allá del producto y del juicio que sobre este acto pueda hacerse. El propio carácter relativo, que se le ha conferido a la creatividad en algunos ámbitos, el educacional entre ellos, legitima lo que he afirmado.

Desde mi punto de vista, aprender a crear parte de sentir y poder expresar la vivencia creativa, que consiste en participar del acto creativo que está teniendo lugar. Para mí, la introducción en el desarrollo del sujeto creativo no consiste en la entrega de técnicas, de herramientas “que permiten crear”, sino de propiciar el surgimiento de la vivencia creativa. Hacer que el estudiante experimente esa sensación de participar de una actividad que por momentos no puede explicar, pero que siente profundamente como una parte suya, como expresión de su yo.

La situación creativa ante la solución de un problema, es también una situación de contagio de la creatividad, contagio de la necesidad de crear conjuntamente. La necesidad y el placer de estar incluido(s) o incluida(s) en una situación que nos atrapa y no nos suelta o que atrapamos y no soltamos. Pienso, también, que el tratamiento de la vivencia, sobre todo en su manifestación como placer de crear que es sentido y en cierto momento comunicable en el hacer mismo, es la clave para que las personas o los estudiantes - a quienes tratamos de desarrollar como creativos- permanezcan en ese espacio de creatividad que implica constancia y perseverancia, tolerancia al fracaso y la frustración, como suele describirse. La buena vivencia nos protege de la vergüenza y el desatino, nos hace mantenernos en el espacio de creatividad y valorarlo cuando llega el momento. Nos abre la puerta a la creatividad y nos hala para introducimos en ella. Nos salva.

La intencionalidad y la disposición creativa del sujeto

Una vez en el reino de la creatividad no nos preguntamos qué hacemos allí, sino qué vamos a hacer allí. La creatividad necesita intencionalidad y la intencionalidad no es necesariamente consubstancial a la creatividad. Al menos no ha sido así en los intentos específicamente organizados para desarrollar al sujeto creativo. En la danza no basta con repetir los mismos pasos una y otra vez, el cansancio, el aburrimiento y la trivialidad llegarían muy rápido. Quien baila (danza) debe en algún momento querer –y llegar a- introducir sus propios pasos, esa introducción a veces

desconcertante y no siempre exitosa, pero necesaria y saludable. Además de aburrimiento, el movimiento repetido, los giros y vueltas, conocidos *hasta las pulgas del cuello* -como diría Kafka- generan malestar, inacción y pérdida de iniciativa, vivencias negativas para el cuerpo y el alma. Y aunque las vivencias negativas son necesarias, mucho de ellas no es aconsejable.

Así, devenir un sujeto creativo requiere que en algún momento surja la intencionalidad de crear, o más bien que se cultive. Y el surgimiento de la intencionalidad requiere disposición. El despliegue y el cultivo de la intencionalidad requieren disposición, entendida no sólo como aceptación, sino también como práctica. No sólo ese “dejarse ir” en laxitud... someterse con fina y displicente pasividad a lo que viene; sino prepararse, agrupar sus fuerzas, medir sus posibilidades como requisito de la obra.

Y la educación nos ha preparado y enseñado muy deficientemente para la intencionalidad y la disposición como atributos personales. La intencionalidad predominante, en muy poca medida ha sido la del estudiante, la del sujeto que se forma, sino la del que forma; no se han hallado los códigos que apelen e interpelen la intención del estudiante. Al parecer nos ha bastado con la dominante que, como sabemos, es la del profesor. Como dije, la disposición ha sido confundida con el dejarse estar y llevar: un sujeto, u objeto, pasivo y respondiente, que dentro del reino de la creatividad, carente de iniciativa, no sabe qué hacer; carente de disposición no puede hacer nada más; y acaso, si no lo abandona más o menos tempranamente sólo repite los pasos que bien se sabe, el trillado movimiento que aprendió y que le aporta ingenua seguridad: nada creativo es ni será.

La responsabilidad creativa

Si uno crea es responsable por lo que crea. El reino de la creatividad es también el reino de la responsabilidad. Nosotros somos responsables de nuestros productos. Pero en la tradición educativa que pretende desarrollar la creatividad en el sujeto, por

lo común la *responsabilidad* no recibe el tratamiento debido. Ser responsable no es sólo ser autor o haber intervenido en, la responsabilidad implica tomar cuenta de las consecuencias; para lo cual es necesario seguir y modificar el “producto”; tener acceso a él a lo largo del tiempo y condiciones variables. Reinventarlo si es necesario.

La educación “tradicional” para la creatividad enajena el producto del productor y viceversa. La responsabilidad acaba cuando se entrega (el examen, el ensayo, el ejercicio, el objeto producido) y ya no existe cabida para nada más que para la nota o el juicio del otro (el profesor casi siempre y casi nunca el compañero). No hay lugar para preguntas sobre el destino de lo creado; por suerte, porque lo usual es que termine en una gaveta, legalizado como mero trámite para obtener una nota. Se ha perdido, así, toda o buena parte de la riqueza, de la potencialidad formativa de la acción pedagógica.

Con todo lo anterior, he pretendido delinear muy brevemente las consecuencias de la escisión. Vivencia, intencionalidad, disposición y responsabilidad son algo así como gemelas idénticas inseparables de un sujeto creativo; pero que la educación continúa separando una y otra vez arriesgando al todo que es el sujeto creativo.

¿Qué enseña Biodanza?

Aparentemente me he ido muy lejos de (Bio)danza, pero no. He querido decir que tradicionalmente el modelo del desarrollo del sujeto creativo o creador en la enseñanza, ha sido el del sujeto racional que persigue incansablemente la solución aplicando procedimientos cuasi detectivescos, métodos y técnicas que se corresponden más con la creación científica en sus momentos maduros y no con un proceso formativo. Los estudios de la creatividad han perdido al verdadero sujeto creativo, precisamente porque lo ha desarraigado de su cuerpo y de la vivencia; porque al ocuparse prácticamente sólo de ofrecerle los instrumentos “idóneos” para crear, lo ha constreñido a la aplicación de

procedimientos que otros han inventado y que a la postre devienen ropajes prestados.

He querido decir, también, que muchas veces la educación tradicional extravía al sujeto real de la creatividad y de la formación, al escindirlo en mente y cuerpo, con opacidad completa de este último y al enajenarlo en/de sus productos y responsabilidades. Asimismo, que el logro de un verdadero *desarrollo* del sujeto creativo, implica variar el ángulo de mirada desde el cual sea posible captar la unidad del sujeto con la situación en que se forma. Me parece que mucho de esa nueva mirada requerida se encuentra en Biodanza.

De Biodanza yo recupero, entre otras muchas cosas valiosas, la integración o unidad que produce en las personas y pienso que abre puertas a la eliminación del sujeto escindido. También valoro el énfasis y la apertura hacia la vivencia que logra con el método o los métodos e instrumentos de que se vale, así como a través de las situaciones que provoca. La vivencia, como expresión del yo sin límites y las posibilidades y potencialidades creativas que se producen precisamente en la libertad de la danza, son algunos de sus lados fuertes; pero no sólo la vivencia, sino también la situación propicia para que la vivencia sea compartida, o al menos, para que se produjera lo que alguna vez denominé, no sé con cuanta corrección, “sincronía vivencial”, para la cual el ambiente de Biodanza parece ser muy favorable.

BIODANZA Y EDUCACIÓN

Rolando Toro Araneda *

La Biodanza es la única alternativa: cambiar la estructura afectiva de la especie humana, de ahí vienen todas las otras consecuencias. Por ejemplo: no hay aprendizaje ni creatividad sin una motivación afectiva. Muchas veces, en la educación formal, la creatividad queda cercenada en su mecanismo sutil, que es la afectividad. La falta de afectividad -sea en educación o en terapia- es la causa del fracaso de estas disciplinas. Todas las cualidades de lo cognitivo, de lo creativo, del crecimiento de la capacidad semántica, provienen de un fondo afectivo que es irrenunciable.

Las propuestas de la educación están absolutamente desorientadas. La filosofía de la educación está en crisis -y siempre lo ha estado- por eso el mundo está como está. Se oye decir: “los fines de la educación son preparar a los niños para los grandes desafíos del tercer milenio”. “No”, dicen otros, “los fines de la educación son acendrar el nacionalismo y la identidad nacional”. Esto lo he oído en congresos mundiales, con dirigentes máximos de la educación, con ministros. “No”, dice otro, “lo que hay que hacer es alfabetizar, primero que nada”. ¡Quién va a negar la importancia de la alfabetización! Pero miles de criminales son alfabetizados. Lo que les quiero decir es que el punto de partida de la educación tiene que ser la reestructuración afectiva. Y que para ello es necesario introducir -como mediación- la Biodanza.

* Creador del Sistema Biodanza y Presidente de la International Biocentric Foundation

“Estamos consiguiendo nuestra finalidad”, oímos decir, porque se consigue productividad, eficiencia, excelencia ¿excelencia en qué? En la computadora. Y el fracaso total en la casa, en la relación con los hijos. El triunfo ¿qué triunfo? Haber hecho crecer la empresa, haber subido las entradas de la empresa y el fracaso total en la vida personal, en la vida sexual, en el encanto de vivir, lleno de úlceras, lleno de estrés.

La Biodanza es una postura filosófica, una propuesta educacional y una metodología de contenidos. El principio biocéntrico es: la vida al centro. Aprender a aprender. Aprender a vivir. Eso es lo que hay que saber. En la programática de las escuelas hay que hacer algunos cambios. Yo no estoy descalificando la educación tradicional, pero hay que hacer cambios profundos, de lo contrario no hay esperanzas para la especie humana. La gente no se da cuenta de que hay que pensar en forma macroscópica, mirar los problemas desde la altura.

Pregunta: ¿Existe algún tipo de metodología desde la epistemología fenomenológica?

Rolando Toro: Efectivamente, la educación biocéntrica está muchísimo más cerca de la fenomenología. Hemos estudiado bien el proceso de la fenomenología en Ulcer, Merlau Ponty y los modernos fenomenólogos. Estas sensaciones de sufrimiento, de frustración, de soledad, no se pueden cuantificar, pero existen y tienen un valor científico cualitativo que hay que considerar.

Esta pregunta es muy atingente: nosotros preguntamos mediante encuestas, a más de 300 personas, acerca de qué es lo que querían para sus vidas. No pusimos una lista de opciones, sino que la respuesta era personal: ‘quiero amar y ser amado’, ‘quiero asumir la homosexualidad’, ‘quiero tocar guitarra’, etc. Las respuestas fueron sometidas a la reducción fenomenológica y de allí aparecieron las 5 líneas de vivencia con las que trabaja Biodanza: vitalidad, erotismo, creatividad, afectividad y trascendencia.

Todos quieren amor, energía disponible para la acción, salud, placer, contacto y encantamiento dionisiaco. Todos quieren

afecto, amistad, buena relación con sus amores, trascendencia. (Claro que por ahí hay alguno que quiere levitar, pero esto ya cae un poco fuera...). A partir de estos 5 grandes conjuntos -que son las 5 líneas de vivencia- organizamos ejercicios para cada uno de ellos. Ejercicios para el desarrollo de la vitalidad y de la salud, para aumentar la homeostasis, la autorregulación y la alegría de vivir. Ejercicios para la sexualidad, la seducción, para aprender a acariciar, mirar a los ojos y saber el lenguaje del encantamiento. Ejercicios para la creatividad, la innovación y la transgresión de las costumbres bloqueadoras de la vida; para aprender a exponer con entera libertad lo que no te gusta del sistema en que estamos viviendo. Ejercicios para poder comunicarnos, tener ternura, que nos acaricien, que nos miren, que nos abracen, que podamos andar de la mano por la calle. (Porque andar de la mano por la calle es un acto político: si todo el mundo anduviera de la mano por la calle no habría guerras). Y ejercicios para la trascendencia, para ser capaces de sentir empatía, de saber ponernos en el lugar del otro, disminuyendo el ego; y perseguir la unidad a la que pertenecemos, la unidad cósmica. Para realizar este abordaje de las experiencias humanas -en Biodanza- hemos tenido que usar la fenomenología.

Pregunta: El Ministerio de Educación es una instancia que pertenece a un Estado y un Estado trata de reproducir el sistema social, económico, político en el que vive. ¿Es posible hacer algo con el Ministerio de Educación que sea realmente válido para desarrollar el potencial humano? El sistema en el que ahora estamos es el neoliberal, por lo tanto ¿cuál sería la manera de introducir la Biodanza en los colegios, que justamente estuviera amparada por el Ministerio de Educación, que es parte del sistema?

Rolando Toro: Esta pregunta es de extraordinaria importancia, porque aborda la dimensión sociológica. Para que el Ministerio de Educación y los centros educacionales introduzcan la Biodanza, es necesario que cada uno de ustedes vaya a seducir a un director, que cada uno de ustedes vaya a seducir a un ministro de cultura o de educación, que se introduzcan dentro del sistema, no que se automarginen. Yo no propongo la transformación total de la educación, sino que propongo la introducción de Biodanza como

mediación, como primer paso, en un sistema en que están profundamente equivocados. La riqueza más grande que tiene un país es el sistema nervioso de sus habitantes. No lo es el cobre, ni los cereales, ni los aviones, ni las fuerzas armadas: la riqueza es el sistema nervioso de las personas. Pero esto contrasta con la distribución de los fondos de que dispone el país. Comparen ustedes el presupuesto para las Fuerzas Armadas con el presupuesto para la educación. Es algo grotesco, no hay la menor noción de la importancia que tiene el ser humano. Para educación las últimas migajas del erario nacional. Los profesores tienen que llevar sus tristezas, sus preocupaciones económicas a las escuelas, en vez de ir tranquilos, felices. La misión de un profesor es una misión sagrada, es una misión sutil, maravillosa. Pero, ¿cómo vas a convencer a los políticos de esta postura? Solamente seduciendo a través de pequeños grupos y entrando poco a poco, solapadamente, hasta infectar completamente el sistema.

Dr. Víctor Fernández: Rolando, tú sabes que yo tengo en mi laboratorio, en la Facultad de Medicina, lo que he llamado un *kinder garden* experimental. Este consiste en estimular -en términos afectivos- a las ratitas que están allí: escuchan música, reciben estímulos de luces de colores, tienen libertad de movimiento, escaleras, rampas, natación. Esto es absolutamente científico, comprobable: yo he tomado fotos de las neuronas de aquellas ratitas que han sido estimuladas. Y la diferencia entre una neurona de una ratita estimulada afectivamente y una ratita no estimulada, es enorme. Los resultados están publicados en revistas como *Print Research*, *Developement Research*, *General Compacting Neurologic*, que no son revistas que acojan todo lo que uno diga simplemente, sino que someten cada uno de estos trabajos a expertos.

Yo he sido, durante un tiempo largo, editor de una revista que recibe el nombre de *Nutritional Neuroscience*, por el efecto que la nutrición tiene sobre el desarrollo de las neuronas. Pero yo he trabajado fundamentalmente en la estimulación, y la diferencia entre estimular y no estimular es enorme. Y a mí esto me gustaría mostrárselo a todos los educadores: la diferencia es dramática. Y esto revela lo que tú señalabas: a la educación se le dan las migajas

y, sin embargo, lo más importante es el desarrollo de las neuronas, el desarrollo de los componentes no solamente cognitivos. Hoy día estamos haciendo una investigación en la corteza límbica -que es la corteza que tiene que ver con el mundo de las emociones- y hemos encontrado que la corteza límbica se beneficia enormemente con el movimiento. Y yo pienso en esos pobres niños que están en los colegios y que a veces el profesor no les da ninguna posibilidad de movimiento, los mantiene sentados, no los deja que expresen sus capacidades o anhelos. Y eso es terrible.

Hay que cambiar profunda y totalmente la manera en que estamos haciendo educación. Lo más importante es permitir la capacidad del niño de recibir encantamiento, tal como lo revela en su libro Gabriel García Márquez, cuando dice “yo tuve la suerte -cuando fui alumno- de recibir estimulación de mis órganos de los sentidos; y yo soy el escritor que soy porque en esa etapa de mi desarrollo fui estimulado en términos afectivos”. Y Nelson Mandela dice: “Yo aprendí de mi madre la capacidad de emocionarme ante los eventos del mundo y yo soy quien soy gracias a eso que aprendí en mi primera juventud, cuando mi madre me proporcionaba historias que mejoraron mis posibilidades de ser creativo”. Y esto lo vemos poco. Vemos una enseñanza más impositiva que creativa.

Y yo creo, Rolando, que la Biodanza puede ser la solución para este mundo de gran violencia, donde hay muy poca libertad de movimiento. Charles Darwin señala, por ejemplo, que los pobres conejos que están encerrados en una jaula por generaciones, tiene un cerebro mucho menos desarrollado que el conejo silvestre, señalando que el movimiento, la danza, los colores, la música, son esenciales para el desarrollo. Y eso nosotros lo hemos fotografiado en las neuronas. Nadie podría hoy día tener la menor duda de la importancia de esto.

Rolando Toro: Agradezco al doctor Víctor Fernández, profesor de la Escuela de Medicina, uno de los hombres que más sabe de neurociencia, un grande del pensamiento científico chileno, esta intervención. Habríamos querido que estuviera en la Mesa y ocupara ojalá el máximo de tiempo en sus observaciones, en dar a conocer su experiencia.

Respecto al efecto de las caricias, podríamos llenar la mitad de esta pieza con los trabajos científicos que existen sobre el efecto de las caricias. Primero sobre las ratas, lo que se hizo ya hace tiempo: las ratas soportan mucho más el estrés cuando son acariciadas que otro grupo de ratas que no son acariciadas. Después René Spitz descubrió que la caricia era esencial en los niños institucionalizados. Los niños no acariciados tienen una alta mortalidad, caen en depresión anaclítica y marasmo. Entonces se permitió que las madres entren a los hospitales y los acaricien. Después se vio que los niños psicópatas, cuando se les da continente, cambian su comportamiento. Por otra parte, en las enfermedades psicosomáticas hay un factor importantísimo que es la falta de recibir amor y sexo. Después se descubrió que los viejos mejoraba la motricidad, disminuían sus síntomas de decadencia con la caricia. Es decir, las caricias sirven para todo el mundo.

Pregunta: ¿Cómo poder llegar a las personas que son escépticas a la Biodanza?

Rolando Toro: Convencer a las personas que están bajo una fuerte ideología es muy difícil. Solamente por contagio, reeducando poco a poco a estas personas se puede producir un cambio, pero hay muchos que no tienen remedio y hay que dejarlos. Esto a veces es difícil. Pero por otra parte, hay miles y miles de personas que están adhiriendo a Biodanza en todo el mundo. Se calcula que una persona que cree en Biodanza contagia a 8 personas, así es que, de todas maneras, esto se va extendiendo.

Pregunta: ¿Cuál es la diferencia entre Biodanza y Musicoterapia?

Rolando Toro: La Musicoterapia hace bien, la música en sí misma tiene un poder. Sólo que en Biodanza se unen 4 grandes poderes de transformación y en su combinatoria constituyen un haz de gran complejidad y gran potencia, que es superior a la suma de éstas. La música, más el amor, el contacto, el movimiento

integrado, el trance y la trascendencia, constituyen un haz de transformación muy poderoso. Cuando estaba en Chile y había sido expulsado de la universidad por el régimen militar, fui invitado a Buenos Aires, al congreso de Musicoterapia dirigido por Rolando Bennenson y allí se dieron cuenta de que a la Musicoterapia había que agregarle contacto. Hay diferencias cualitativas y creo que es muy positivo estudiar Musicoterapia.

Pregunta: ¿Es la vivencia la prioridad en Biodanza?

Rolando Toro: Efectivamente, la prioridad es la vivencia. Pero es muy importante tener un contexto teórico y los aportes de la neurociencia, por ejemplo, son esenciales. La teoría es la llave maestra para entrar en los ambientes académicos, porque este lenguaje es el que entiende el sistema. Y la ciencia se da permiso para danzar, siempre que se explique qué es lo que sucede. Reconocemos la tremenda importancia que tiene la teoría como infraestructura y, por supuesto, damos la prioridad a la vivencia corporal y emocional.

A AFETIVIDADE E A ESTRUTURA TEÓRICA UNIFICADA E SISTÊMICA DE FRITJOF CAPRA

Agostinho Mario Dalla Vecchia¹
Prof. Dr. e Facilitador

1. INTRODUÇÃO

1.1. PALAVRAS INICIAIS.

Na passagem para o Terceiro Milênio estávamos iniciando o Curso de Pedagogia para Professores em Serviço, na cidade de Jaguarão, RS, com um grupo de 120 pessoas atuando nas escolas daquela cidade e região. Um trabalho conjunto dos professores do curso permitia que os encontros fossem preparados em reunião semanal. Buscávamos a interdisciplinaridade e a integração das alunas(os)-professoras(es) para um desempenho melhor das nossas atividades e para estimular os alunos num ambiente de compreensão, amizade, contato e vínculo. De certa maneira vivíamos essa integração no grupo dos professores através das reuniões de preparação, na participação conjunta em sala de aula, nas viagens para aquela cidade nos fins de semana, nos encontros de lazer e de descontração. Foi um trabalho realizado com prazer,

¹ Graduado em Filosofia, Cursos incompletos em Teologia e Ciências Contábeis, Especialista em Educação, Mestre e Doutor em História do Brasil, Facilitador de Biodanza, professor da Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação

com entusiasmo partilhado por nossas dedicadas alunas na participação cotidiana com suas experiências, com seus trabalhos de pesquisa e com os seminários apresentados nos finais de semestre para toda a comunidade. Houve um largo processo de renovação para os participantes e para nós professores.

No interior desse movimento eu, particularmente, defendia os processos de participação e de integração utilizando também vivências, nesta perspectiva. Surgiu muito forte a necessidade de um aprofundamento no estudo dos processos de integração possíveis, particularmente pela formação de um ambiente articulado afetivamente. Foi então que iniciei o estudo ao ser proposto que trouxesse um texto sobre afetividade e integração para ser discutido na reunião do colegiado. O fato não veio a se consumir depois, mas o estudo continuou. Neste momento apresento este ensaio como resultado desse processo e ofereço como elemento para discussão e aprofundamento na instituição. O objetivo é a produção de uma obra que traga uma discussão a partir da visão sistêmica, principalmente no modelo teórico de Fritjof Capra, aplicando a teoria da Teia da Vida na abordagem das organizações sociais.

1.2. AFETIVIDADE

Rolando Toro, criador do Modelo Teórico Biocêntrico, do Sistema Vivencial e Pedagógico da Biodanza, do Princípio Biocêntrico e da Educação Biocêntrica, define a “Afetividade” como um estado de afinidade profunda com os outros seres humanos, capaz de dar origem a sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, solidariedade. Pode gerar também sentimentos opostos como a ira, o ciúme, a insegurança e a inveja também consideradas componentes desse complexo fenômeno (TORO, 2002:90).

Assim como a amorosidade permeia o universo e lhe dá integração dinâmica e criativa, a Afetividade em nós está presente em todas as dimensões do nosso ser e da nossa ação. O afeto é o dinamismo que está na origem, na base, no processo, nas estruturas e no significado de tudo que somos e fazemos. É semelhante à água, que se relaciona a todas as dimensões do nosso corpo quando

estamos imersos nela. A Afetividade envolve a totalidade de nosso ser.

Atualmente, a Afetividade está expressando-se em uma cultura e em uma organização social profundamente patológica como processo antívida instaurado em todas as dimensões pelo modo de ser e de viver competitivo ocidental.

Somos envolvidos pelo afeto no próprio ato da concepção. Se neste ato os pais não estão envolvidos pelo amor, a tendência será uma série seqüente de situações não-saudáveis e processos patológicos que podem se desencadear. As adversidades relacionais de uma família, contudo, podem desencadear um processo de reação saudável e de superação dos limites em uma criança, num adolescente ou num adulto. No percurso do desenvolvimento da vida, o afeto é o clima, o solo, o cuidado protetor e nutritivo que permite e facilita um desenvolvimento saudável da pessoa. Ressalve-se que sempre existe possibilidade de qualquer pessoa adoecer afetivamente por sentimentos de ciúme exagerado, raiva excessiva, violência, ódio. Segundo Ronaldo Toro, a dimensão mais patológica do afeto é a discriminação racial, onde já se realiza uma dissociação profunda entre a sensibilidade e a Afetividade.

René Spitz, em longa e minuciosa pesquisa, estabeleceu a relação entre amor e desenvolvimento da criança.

[...]o cuidado e a segurança nos primeiros meses de vida, são cofatores do desenvolvimento. As crianças que não recebem amor nessas primeiras etapas, não conseguem estabelecer, (como dissemos anteriormente), a ponte córtico-diencefálica que relaciona o mundo externo com o mundo emocional e visceral (in APOSTILA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO: 23)

E o texto segue:

[..]crianças com carência de afeto terão um retardo no crescimento, na linguagem na inteligência. Em casos graves, caem em depressão analítica e marasmo. Cerca de 60% das crianças institucionalizadas que não recebem amor, morrem antes dos dois anos de idade

apesar de estarem bem alimentadas e com cuidados higiênicos e clínicos indispensáveis (in APOSTILA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO: 23).

As síndromes clínicas que a carência afetiva produz na primeira infância foram estudadas e analisadas por Spitz.

Esse autor “descobriu que as crianças institucionalizadas, em seus primeiros meses de vida e com carência de afeto materno, experimentam danos irreversíveis nos aspectos motores, afetivos, de linguagem e de desenvolvimento intelectual” (APOSTILA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO: 24). Neste sentido, encontramos fundamentos do assunto em Ronaldo Toro quando nos fala da linha da Afetividade em Biodanza. “A gênese biológica da linha da Afetividade está relacionada ao instinto de solidariedade dentro da espécie, à capacidade de empatia (identificar-se com o outro), aos impulsos gregários, às tendências altruístas e aos ritos socializantes” (TORO, 2002:89).

Estudos científicos também indicam a vigência dessa força agregadora na natureza. “A biologia celular demonstra a existência de verdadeiras comunidades de células que integram algumas operações bioquímicas de cooperação entre elas” (TORO, 2002:59)

E acrescenta

Os sistemas vivos são potentes mecanismos de coerência nos quais funcionaram os princípios de afinidade, de rejeição, e nas quais cada parte se coloca a serviço da unidade biológica (TORO, 2002: 89).

Baseado em Jacob Mexkall, Rolando entende que

Um indivíduo dissociado da espécie representa uma doença para a totalidade. Esses impulsos biológicos (para) de cooperação, de integração e de solidariedade culminam, no homem, em sentimentos altruístas, e constituem a gênese do amor (TORO, 2002: 89).

Pela Afetividade, as pessoas se identificam com as outras, sendo capazes de compreendê-las, amá-las, protegê-las ou, também, rejeitá-las. Segundo J. Ortega Y Gasset (apud TORO), a

Afetividade compreende qualquer exaltação de ânimo, especialmente o amor, a ternura e o ódio. Pode haver a dimensão do “amor diferenciado”, dirigido a uma só pessoa, e a do “amor indiferenciado” dirigido à humanidade. (TORO, 2002:89)

Enquanto a vivência é intensa e fugaz, a Afetividade é complexa e permanece ao longo do tempo. Implica a participação da consciência, da memória e da representação simbólica (TORO, 2002:89). “A linha da Afetividade tem na Biodanza a sua expressão privilegiada no amor. As formas patológicas da Afetividade se expressam nos impulsos autodestrutivos, na discriminação social, no racismo, na injustiça” (TORO, 2002:90).

Assim, podemos dar seqüência a inúmeras análises das implicações da afetividade nas relações humanas. Por ora, desejamos ressaltar a importância da afetividade no processo educativo como fator de integração de grupo. A unidade afetiva de um grupo dá a este as características de um organismo vivo (CAPRA, 2002). Sem mencionar esta palavra este cientista nos oferece esta interpretação ao aplicar a Teoria Sistêmica da Teia da Vida às organizações sociais. Assim, nós utilizaremos seu Modelo Teórico para fazer a abordagem da Afetividade e abrir espaço para aplicação desta teoria para a articulação das relações de sala de aula.

1.3. COMPLEXIDADE

Construir o saber de forma integrada com a vida, vinculando razão e coração, conhecimento e sentimento, o saber integrado que brota de nossas percepções sensíveis, das vivências emocionadas, da conexão do nosso coração com as surpresas da vida, pressupõe integrar o pensamento linear, novas teorias de aprendizagem, novas estratégias operacionais para levar um processo aberto e crescente baseado no erro e na incerteza, como diz Morin, inspirado no poeta espanhol: “o caminho se faz caminhando”, obedecendo ao fluxo da realidade e da vida, a complexidade da vida e do ser (MORIN, 2003:52-53).. Não se trata de estabelecer o caos como norma. Trata-se de encontrar a forma

de conhecer como peregrinos da verdade que nunca se esgota, sendo sempre surpreendente porque brota da vida e de seus fenômenos.

Conhecemos através da totalidade do nosso ser, do nosso corpo, da nossa percepção sensível, da emoção, do sentimento, da ação concreta e da razão. Instrumentais metodológicos das ciências, lógicas e matemáticas, históricas e sociais, isoladamente, não conseguem abranger a realidade dos fenômenos da vida que ultrapassam a racionalidade lógica. Os pensamentos lineares, mecanicistas, antropocêntricos não dão expressão sistemática e teórica às coisas que não estão ao seu alcance. A dimensão subjetiva é sistematicamente rejeitada.

Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar o risco de erro, recalando toda a afetividade. De fato o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem cegar. Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é da curiosidade, da paixão, que por sua vez são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo (MORIN, 2002:20).

Foi a sensibilidade poética e perceptiva que levou os cientistas a afirmar os seus limites com a honestidade ética que lhes cabia. Maturana e Varela tiveram a grandeza de declarar os limites de suas pesquisas que pretendiam ficar na dimensão científica como o desejado. Eles visualizaram e indicaram a possibilidade do conhecimento articulado por um processo integrado e cooperativo nos seres vivos, na microbiologia. Entenderam e afirmaram com profunda propriedade que o processo evolutivo da vida no universo é um processo cooperativo inerente aos seres vivos (CAPRA, 2002:89).

A visão sistêmica, tendo como pressuposto o processo de articulação da vida, processo sempre renovado, surpreendente, faz com que nos posicionemos num caminho que se faz na prática. Não é possível um método prévio para ser aplicado, mas a humildade de caminhar na investigação, encontrar a expressão da

verdade (MORIN, 2003:51) e explicitá-la como fenômeno das dimensões reais do ser que, por si só, pode ser apreendido por um movimento vivencial e integrado.

O afeto existente na troca de um abraço só é possível ser conhecido vivencialmente, apesar das inúmeras considerações pertinentes que possamos fazer. Analisar os efeitos físico-químicos e psicológicos desse ato pode ser possível através dos recursos das ciências médicas, recursos laboratoriais, mas, efetivamente, tudo que acontece num encontro emocionado não é dizível por nossa linguagem explicativa. A poesia pode nos dar proximidade sensível desse conhecimento, nunca a sua totalidade. O desafio na linguagem sistêmica é a integração da linguagem científica, histórico-social, filosófica e poética.

Neste sentido, ao falar sobre os “Sete saberes necessários à educação do futuro”, Edgar Morin nos diz:

Acrescentemos que o saber científico [...] não só é provisório, mas também desemboca em profundos mistérios referentes ao Universo, à Vida, ao nascimento do ser humano. Aqui se abre um indecível, no qual intervêm opções filosóficas e crenças religiosas através de culturas e civilizações (PRÓLOGO, 1999:13).

Começamos a falar da primeira e grande característica da vida em nós: a Afetividade. Deixamos fluir a abordagem e a reflexão uma vez que delineamos as dimensões epistemológicas que, segundo F. Capra, têm uma surpreendente proximidade e distância do esquema teórico aristotélico da causa formal (causa interna que cria e sustenta o fenômeno), material (o resultado constitutivo do fenômeno em si), a causa eficiente (a que gera o fenômeno por sua ação) e causa final (a que gera e determina a ação da causa eficiente por dar-lhe um sentido, um objetivo). A integração dinâmica dessas causas permite a abordagem do fenômeno do jeito grego.

O distanciamento da abordagem aristotélica está no fato de essa resultar numa descrição linear do fenômeno. Esse fundamento filosófico, do paradigma cosmológico determinista grego que, retomado pelo movimento de retorno ao modelo clássico grego-

romano, permite delinear uma visão mecanicista do mundo moderno, centrada no paradigma antropocêntrico em cuja gênese vivencial está a experiência de expansão e conquista da Europa comercial, burguesa, em diversas direções do planeta, tendo hoje atingido a globalização do mercado e da cultura avassaladora. Seus efeitos sobre o planeta e sobre a humanidade são profundos e abrangentes.

A diferença da abordagem sistêmica, da construção da complexidade com a visão aristotélica é que essas quatro dimensões estão recheadas da vida em sua forma, em seu significado. O fluxo da vida é sempre surpreendente. A vida se concretiza na materialidade, mas a ultrapassa, dá-lhe o dinamismo vivo, dá-lhe o caráter do sagrado, da beleza, do ministério.

Retomando os princípios epistemológicos delineados por Fritjof Capra, visa-se concretizar uma caracterização da Afetividade em cada uma das quatro dimensões: natureza, processo, estrutura e significado da Afetividade e enriquecer formas criativas de conhecimento e de vivência. Este ensaio servirá para ser lido, refletido, corrigido e enriquecido com o espírito de cooperação do leitor. É um processo em construção, aberto, humilde, profundamente acadêmico.

Senti a oportunidade de nutrir o processo de integração do grupo com a mediação do Sistema Vivencial, Teórico e Pedagógico da Biodanza. Isso iria contribuir para o estabelecimento de contato e de vínculos, ampliando os laços na tessitura da teia da vida daquele grupo.

Estimulado pela vivência de Biodanza e pelo processo de formação de facilitador, comecei a estudar os elementos fundamentais do Modelo Teórico originado na Visão Biocêntrica, principalmente pelo estudo da Afetividade como elemento integrador dos outros potenciais humanos da Identidade. Aos poucos, percebia que os vínculos afetivos dariam consistência a esse processo de integração de grupo.

Hoje podemos compreender a propriedade de um saber que mostra as origens, processos, dimensões e o leque das funções fundamentais da Afetividade. Através da teoria da complexidade, com interdisciplinaridade, podemos dar lugar à investigação de componentes do universo dos instintos, percepção, das emoções,

dos sentimentos e sua integração estrutural com o desenvolvimento do pensamento racional.

Os estudos da física quântica, da matemática, da biologia celular conduziram os estudiosos a situações-limite que exigiram a mudança de percepção da realidade e das dinâmicas do universo. A convergência de diferentes pesquisas permitiu que Rolando Toro explicitasse o novo paradigma, o Paradigma Biocêntrico. Ele ganha clareza e consistência na percepção conectada, viva e emocionada de que a vida é o centro de tudo. A primeira grande característica da vida, segundo Rolando Toro, é a amorosidade. Sendo o universo um organismo vivo, a amorosidade permeia tudo o que existe e se expressa no homem como Afetividade. Ela estará presente em todas as dimensões da vida humana.

A reflexão e construção de conhecimentos em torno da categoria Afetividade aconteceram porque a participação no Curso de Pedagogia de Jaguarão, como afirmei acima, despertou em mim a necessidade de buscar o aprofundamento crescente sobre o tema, na vida e na educação. É necessário conhecer a partir de bases epistemológicas da teoria da complexidade, dessa nova estratégia de aprendizagem (MORIN: 2003) e das bases epistemológicas da teoria sistêmica (CAPRA: 2002).

A produção de um ensaio sobre a Afetividade, sua natureza, sua dinâmica, suas estruturas em rede e seu significado é uma exigência educativa para mim. É isso que pretendo realizar fluindo no meu caminho. O desafio servirá para maior conhecimento integrado ao processo vivencial que procuro oferecer aos educandos.

O desejo de conhecer e incorporar formas concretas de articulação de processos integrativos dos alunos nas salas de aula motivou-me a pesquisar principalmente a relação da Afetividade e Educação. Inspirado nos conhecimentos sobre a nova Visão Biocêntrica, da Pedagogia Biocêntrica, do Sistema Vivencial e Pedagógico da Biodanza, nas leituras e reflexão de F. Capra, nas tendências pedagógicas convergentes e centradas sobre a vida, particularmente Paulo Freire, percebi a viabilidade e a necessidade dessas formas de integração professor-aluno. As análises de Capra das organizações como organismos vivos, oferecem um modelo teórico aqui utilizado na abordagem da Afetividade que vamos

desenvolver de forma integrada com os outros conhecimentos indicados.

Ao escrever o livro *Conexões Ocultas*, Capra sintetiza a “teoria sistêmica” ou pensamento não-linear, nos primeiros capítulos do livro, elaborado até então, principalmente nas obras *O Ponto de Mutação*, *Sabedoria incomum e, principalmente*, em *A Teia da Vida*. A seguir, no capítulo 3, elabora as bases epistemológicas para estudo da realidade das organizações sociais. Uma “*estrutura teórica unificada e sistêmica*” para a compreensão dos fenômenos biológicos e sociais.

2. NAS TRILHAS DE UM MODELO TEÓRICO:

2.1. O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

O estudo do tema Afetividade será abordado nas quatro dimensões propostas e deverá visualizar formas operacionais para o processo de integração nas salas aulas. De forma resumida, as características desse esquema epistemológico, articulado ao fenômeno da Afetividade, apresentam-se assim:

2.1.1. Raízes na Terra e no céu. Começamos pelo *padrão de organização*, que se reflete na configuração das relações entre os outros componentes do “sistema” (processo, estrutura e significado) como uma rede auto-organizadora. O padrão de organização, segundo Capra, determina o processo das relações que se estruturam dentro de uma organização a partir de um sentido identificado como razão de sua existência. A semelhança da organização, elementos “imateriais e orgânicos” determinam nosso comportamento afetivo, assim como biologicamente o potencial genético determina a estrutura orgânica da pessoa, a pigmentação da pele, a cor dos olhos, a fisionomia, etc. Então, nós temos pré-condições para a vivência da afetividade, para formação de estruturas de relações grupais concretas com consciência da finalidade específica dessas vivências. O conhecimento da Afetividade é, acima de tudo, vivencial e deve teoricamente ser

elaborado. Para isso, o Modelo Teórico de Capra é um indicativo para um caminho de investigação que se fará caminhando.

Em primeiro lugar, o padrão de organização ou de configuração das redes de relações afetivas de uma pessoa, de um grupo, de uma organização e da espécie tem seu componente original no código genético. O registro do passado da trajetória do universo como um organismo vivo, a configuração das relações que se estabelecem no desencadeamento dos contatos e na formação dos vínculos, tem uma estrutura organizada no DNA, com a disposição originária à vivência na medida em que os fatores internos e externos acionam os instintos humanos, despertam a percepção deflagrando a emoção, a formação dos sentimentos, a constituição do saber integrado em nossa inteligência afetiva, em nossa racionalidade cuja fonte originária é o afeto.

Por analogia podemos indicar a existência de uma estrutura “cognitiva, de natureza imaterial, com uma base corporal e orgânica” (CAPRA, 2002), e que se concretiza em nosso potencial de afeto articulado a partir de nossas informações genéticas, sustentadas em bases químicas, dos nossos sentidos e da sua conseqüente percepção sensível, da emoção, dos sentimentos e do conhecimento elaborado por nossa inteligência afetiva. Por natureza da própria vida, essa estrutura é auto-renovável, “auto-poiética” (MATURANA E VARELA: A árvore do conhecimento:1995) assim como uma célula viva. Isso significa, segundo F. Capra, que a vida existe onde existe uma estrutura material a ela integrada e que lhe dá caráter de realidade viva (CAPRA, 2002). Assim, a Afetividade tem uma base material, corporal, orgânica e racional que permite sua dinâmica e sua expressão carregada de significado.

No mesmo sentido, Rolando Toro afirma:

A meu ver, de qualquer modo, a Afetividade não é apenas expressão de um sentimento individual ou uma forma sutil de comunicação, mas também a manifestação de mensagens relacionais pré-existentes em todos nós que predispõe às ligações afetivas entre os seres humanos;

E a idéia da rede é reiterada nas palavras do fundador do movimento de Biodanza:

Somos, de fato, unidos por múltiplos canais de conexão, dos quais não somos conscientes (TORO, 2002:90).

Essas colocações de Rolando Toro surgem dos seus estudos sobre vivências de Biodanza nos quais conclui sobre a Afetividade como potencial pertencente a uma estrutura genética originária (causa formal, que dá formato, que dá pré-condição à forma das relações) e de todas as pré-condições materiais e orgânicas para a Afetividade.

Rolando refere-se então, a Julius Fast, o qual descobre, em relação ao “diálogo psicotônico”, que: “colocando sensores de tensão muscular no corpo de duas pessoas, a simples proximidade entre elas mudava os níveis de tal tensão. Isso significa que cada um tem, em relação ao outro, um efeito relaxante ou tensivo” (TORO, 2002:90).

Refere-se também aos

estudos tomográficos realizados com casais durante o beijo, a carícia e o ato sexual evidenciam que mudanças em todos os níveis neurofisiológicos: alterações do equilíbrio neurovegetativo, do níveis de secreção endócrina e da ação de neurotransmissores, modificações do metabolismo celular e repercussões na defesa imunológica (ROLANDO TORO, 2002:90).

Se a presença de uma pessoa provoca modificações no tônus muscular e em nível neurofisiológico, Rolando entende que há “*continuum afetivo entre os seres humanos*”. E as alterações revelam distintos níveis de reciprocidade. E sugere que as percepções do outro “abarcam a totalidade do organismo, e não só as emoções. Os seres humanos são órgãos transmissores e receptores de Afetividade. Em geral, esse fenômeno é inconsciente, e é por isso que as pessoas amam sem saber verdadeiramente por quê” (TORO, 2002:90).

A experiência clínica em psicopatologia levou J. J. Lopez Ibor à opinião de que as “pessoas se instalam nos órgãos”. A influência recíproca, segundo Rolando, pode alterar funções orgânicas quando a pessoa é tóxica. “As pessoas se instalam, segundo o caso, nas artérias cerebrais, no coração, no aparelho digestivo ou nos genitais, assim, para alterar o funcionamento desses órgãos”. A rede afetiva está instalada em nível genético-celular, nível visceral, em todos os níveis de sistemas orgânicos, nas emoções, nos sentimentos e em certas condições de memória e pensamento (TORO, 2002:90).

E continua afirmando que:

O movimento de amor de um indivíduo para outro é da mesma natureza do infinito movimento da energia cósmica que luta para se expressar em nossas vidas desesperadas, em meio a guerras fratricidas e formas culturais inadequadas (TORO, 2002: 90-91).

Em linguagem metafórica e poética Rolando nos diz que

[...] o significado da vida é implícito, no ato mesmo de viver, fora de toda teleologia. Este ato mesmo de viver, o ato de ligar-se, não é outro senão o passo titubeante no longo caminho do amar. (TORO, 2002: 90-91).

Assim, podemos afirmar, da mesma forma que Rolando ao referir-se à linha da transcendência, “A linha da Afetividade tem uma origem biológica e uma infra-estrutura instintiva” (TORO, 2002:91).

Essa frase sugere nossa percepção sobre a dimensão da Afetividade como potencial originário estabelecido em nosso organismo inteiro como pré-condição de desencadeamento, de um processo de relações que estabelecem redes vivas das mais variadas estruturas de vínculos em vista do sentido nutritivo e realizador do afeto na vida de cada um, do grupo e do universo.

A Afetividade tem também a natureza essencial do sistema vivo, sendo, no meu ponto de vista, a essência do sistema vivo das linhas de vivência do ser humano. Ela tem dimensões biológicas e imateriais, individuais e sociais por sua natureza.

Assim, do ponto de vista dos padrões que a inserem na natureza biológica do nosso organismo, pela potencialidade genética, instintiva, a Afetividade apresenta um padrão de organização em rede de seus componentes. Em específico, esse padrão de organização do sistema vivo da Afetividade como a configuração das relações entre os componentes do sistema é que determina as características essenciais (de todo o sistema) da Afetividade no seu acontecer que organiza “estruturas” de relacionamentos com um sentido de integração do ser humano e suas potencialidades.

Esse padrão registrado potencialmente como cognição na estrutura genética e mediado no seu processo pela estrutura instintiva e orgânica vai possibilitar a configuração das relações afetivas de atração, empatia, ternura, cuidado, etc, e a estrutura das relações, ou a incorporação efetiva dessas relações no complexo dinamismo de pares, de grupos afetivos de toda ordem, de famílias e de organizações (CAPRA, 2002). Nesse complexo social, estão todos os meios, recursos, formalidades de linguagem, de signos, de movimentos, de expressões, de organizações que materializam as relações.

As expressões “padrão” e “estrutura” parecem muito rígidas para serem aplicadas à Afetividade. Contudo, “o padrão”, neste sentido, refere-se à disposição orgânica, instintiva e mental do homem para estas relações. Estrutura, sempre que se refere ao afeto, é a organização efetiva das relações que têm por característica a flexibilidade e a abertura para o novo e surpreendente. Ninguém ama por obrigação, mas por compromisso, ninguém é amigo por qualquer exigência, ninguém pode manter um grupo de amizade à força. A natureza dessa relação é a flexibilidade, a troca, a fluidez. Pode ocorrer uma tendência à rigidez quando as relações passam a ser doentias e tóxicas.

2.1.2. No fluxo do afeto: A segunda dimensão a examinar é o desencadeamento dos processos vivos de organização da relação afetiva em rede, os processos pelos quais a Afetividade se realiza. É a realização dinâmica do padrão de organização na essência viva das relações de afeto da pessoa consigo mesma, com

o outro e com o cosmo. Nesse sentido, os sistemas vivos são sistemas cognitivos, nos quais o processo de cognição está intimamente ligado ao padrão de autopoiese. É um sistema cognitivo amplo ligado ao padrão de autoprodução do ser humano, não só uma reprodução biológica, mas de autoprodução da própria essência desse ser de relações afetivas, reprodução do grupo. Assim como os alimentos reproduzem e sustentam a vida em nosso organismo biológico, a Afetividade nutre a existência do próprio ser humano em suas dimensões espirituais e orgânicas. O padrão em rede em si mesmo é considerado imaterial (CAPRA, 2002, 99).

Caracterizada, então, teoricamente como processo, vamos encontrar a dinâmica viva, presente e relacional da Afetividade sempre que se dá a conexão com a realidade no fluxo da vida. A Afetividade viva, vivencial, emocionada, tornada emoção, sedimentada nos sentimentos, expressa numa racionalidade afetiva, é a dimensão mais profundamente dinâmica do fato da vida. A vida é movimento aberto, acontecimento que se concretiza como Afetividade. Criatividade, sexualidade, vitalidade e transcendência.

Em outras palavras, o dinamismo do afeto perpassa nossas células, nosso organismo, nossos sentidos, nossas emoções, nossos sentimentos e nossa inteligência afetiva. Ela tem referência a toda realidade pertinente ao homem, seja no processo criativo existencial, nos desejos e na satisfação prazerosa de sua realização, no movimento vital do organismo integrado com a dança cósmica plena de sentido, seja na conexão profunda, emocionada e integral do homem com sua própria identidade, com a identidade do outro e com a identidade do universo. No organismo humano, segundo Rolando Toro, a Afetividade é a linha de vivência integradora da expressão e desenvolvimento da criatividade, da sexualidade, da vitalidade e da transcendência humana (TORO, 2002:90) Ela é o processo de integração afetiva, de renovação orgânica e de resgate das condições originárias e naturais da vida em nós.

Isso se traduz, segundo César Wagner,

Em "um sistema de integração afetiva, renovação orgânica e re-aprendizagem das funções originárias da vida". (TORO, *in* GÓIS, 2002:24).

Integração afetiva: significa a integração sutil e plena entre percepção, motricidade, Afetividade e funções viscerais, consideram-do a Afetividade como núcleo integrador;

Renovação orgânica: manutenção dos processos de renovação e regulação das funções biológicas, gerando mais neguentropia e mais complexidade;

Re-aprendizagem das funções originárias da vida: expressão e fortalecimento de um estilo de viver, enraizado nos potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, Afetividade e transcendência; significa resgatar a vida instintiva como fluxo propulsor e orientador do viver (GÓIS: 1999:24).

“Queremos enfatizar que a Biodanza é uma grande obra poética de um poeta que ousou revelar a vida como hierofania, presença do sagrado em todas as coisas do mundo. É uma poética do encontro humano” (GÓIS, 1999:24). A Biodanza é o processo operacional para resgatar essas condições de vida.

Podemos ver como exemplo que, nessa dinâmica relacional dos seres humanos, a simples presença de uma pessoa pode provocar em nós modificações no tônus muscular, o que “indica que a nível neurofisiológico existe um *continuum* afetivo entre os seres humanos”(TORO, 2002:90).

“Algo interessante é que essas alterações revelam distintos níveis de reciprocidade. Posso sugerir que a percepção do outro provoca respostas que abarcam a totalidade do organismo, e não só as emoções. Os seres humanos são “órgãos receptores e emissores de Afetividade”. Em geral, esse fenômeno é inconsciente, e é por isso que as pessoas amam sem saber verdadeiramente o porquê” (TORO, 2002:90).

A Afetividade é a dimensão essencial da natureza da vida, a primeira característica que se revela no fato de existir. É o transbordar de imenso amor que criativamente se expressa num universo em expansão sempre surpreendente de beleza, de ritmo,

de harmonia, de sagrada voluptuosidade. É essa amorosidade que permite um processo de misteriosa organização neguentrópica da vida, renovando-se, reproduzindo-se. É a potência agregadora, cooperativa e organizadora presente desde o caos originário.

É a Afetividade que permeia as relações dos elementos que materializam cada coisa que existe no universo, que engendra e assegura um processo cooperativo de unidade de elementos que constituem a materialidade do cosmo, que dinamiza cada tecido, cada célula em estreita coerência com a outra, com o órgão, com o organismo biológico.

É a Afetividade expressa no toque, no olhar e no cuidado da mãe vinculada, terna e abundante com o bebê que permite a conexão hormonal do sistema cerebral arcaico com o córtex, dando configuração à inteligência afetiva integradora da dimensão emocional e sentimental do amor com a dimensão da racionalidade que, segundo Piaget, se desenvolverá gradativamente, com o nutriente da afetividade.

É o seio terno e delicado da mãe que dá ao bebê a nutrição orgânica, nutrição que brota do olhar amoroso, do toque de carícia, do movimento delicado e facilita o delineamento, ampliação e desenvolvimento da capacidade perceptiva e sensível dos instintos na criança. Ao nascer, o bebê tem o paladar desenvolvido para degustar do leite materno e, ao mesmo tempo, já tem a disposição orgânica de sucção do seio (SPITZ: 1979).

A visão, o olfato, o tato vão estruturando o potencial perceptivo inerente ao instinto. Assim, o amadurecimento orgânico e sensível do ser humano vai-se dando gradativamente.

É com todo o aparato perceptivo em ação e em contato com a realidade que, instintivamente e de forma natural, sentimos atração, empatia ou repulsa e desprazer em relação a um objeto conhecido. É a totalidade do nosso organismo e do nosso ser que desencadeia a capacidade afetiva em nós e permite a vivência efetiva dessa dimensão.

2.1.3. Na casa do afeto: Em terceiro lugar, busca-se identificar o resultado dessas relações afetivas em rede, alguns indicados acima, estruturas que se constituem a partir do potencial afetivo colocado em ação por diferentes fatores internos e externos,

induzidos pelo sistema de Biodanza Trata-se de uma rede viva de relações de afeto que se expressam como modo concreto de ser e de viver, numa integração orgânica pessoal, da identidade, dos grupos, das organizações e das instituições. Repetimos, é o processo vivo como o processo contínuo de incorporação do potencial que se apresenta em nível genético, instintivo, da sua conseqüente percepção, da emoção afetiva, dos sentimentos de amor em geral e da inteligência afetiva integrada de forma orgânica a esse padrão em rede.

A realidade material dessa vivência do afeto materializa-se em redes constitutivas de grupos de amizade, de famílias, de fraternidades, de grupos de atividade social, de grupos políticos vinculados a um processo amoroso de dar vigência a processos políticos participativos e qualificadores dos participantes do grupo e da comunidade. Uma instituição e a organização da cultura do afeto origina uma sociedade aberta, nutre e desenvolve uma sociedade do amor

Segundo Capra (Conexões cultas: 2002), um grupo de pessoas que estabelece contatos e cria vínculos dá origem a uma rede de relacionamento em torno de objetivos comuns, de processos comunitários e democráticos de qualificação, formando ali um novo organismo vivo. Onde há um organismo vivo e integrado há uma estrutura dissipativa, uma abertura para o processo evolutivo, uma flexibilidade para a mudança adaptativa ou de reestruturação, para a consistência e flexibilidade adaptativa e evolutiva dinâmica, evitando a fixidez, a perda de energia e a conexão com os processos criativos, prazerosos, vitais e de harmonização. Reitero, o padrão em redes que os sustenta, considerado em si mesmo, é imaterial (CAPRA, 2002: 101).

Uma organização permeada pela Afetividade apresenta uma estrutura flexível, uma estrutura dissipativa, dimensão pela qual é possível um processo dinâmico, aberto para a transformação ativa, propiciado pela natureza das relações de afeto: estreitamento relacional, proteção, cuidado, nutrição, acolhimento, compartilhamento, alegria que brota da vida e se manifesta em gestos e cerimoniais comemorativos. A natureza dos vínculos dá à organização as características de um ser vivo: a capacidade de renovação e de autoprodução criativa, a potencialização de sua

capacidade criativa, a potencialização da capacidade política de unidade e consistência do grupo na cumplicidade em torno da qualificação, da autonomia, da capacidade de ação potencializada em todas as direções. Segundo a hipótese de F. Capra (2002), esses fenômenos ocorrem nas organizações que se constituem em organismos vivos. De modo geral, as organizações no Ocidente tendem à rigidez piramidal, autoritária, sem vida, que são frágeis às turbulências da globalização.

A estrutura dissipativa não está relacionada à desagregação e, sim à possibilidade aberta de novas formas de ser, de viver e de se relacionar. Isso graças a múltiplos elos de realimentação constitutivos do processo nutritivo do organismo, do grupo. Isso possibilita a incorporação dinâmica do novo sem perder a natureza constitutiva da relação, sendo possível a mudança, a evolução.

O processo característico das estruturas dissipativas das organizações, dos grupos, permite o surgimento espontâneo de soluções novas e criativas em momentos de crise e de mobilização dessas relações e dessas estruturas. É a potencialização da capacidade criativa do conhecimento. A reflexão e a preocupação conjunta permite o surgimento de novas idéias, assim como das soluções políticas, da autonutrição originária desse espaço de vida intensificado pelo vínculo afetivo.

Estamos falando da materialização estrutural do processo vivo das relações afetivas que se instauram a partir do contato, do vínculo, da articulação dos indivíduos e das suas organizações, dando origem às organizações como grupos de convívio, grupos de trabalho, cooperativas, sindicatos e qualquer outra organização instituída como a família, escola, etc.

A maior estrutura que materializa essa vivência entre as pessoas é a formação da rede viva de relações e que tem seu suporte, como afirmamos antes, em nossa natureza orgânica, corporal, visceral, sensível e racional. Na estrutura genética das nossas células, situam-se as informações que dão a formatação para o estabelecimento de contatos e formação de vínculos. Nossos sentidos, deflagrados por ecofatores, dão forma concreta e sensível à percepção da realidade. Com esse ingrediente, é deflagrada nossa emoção e estabelecido o processo de constituição dos sentimentos

de afeto que terão, por sua vez, influência direta sobre a formação do pensamento.

A rede viva e concreta de relações passa pelas expressões do nosso olhar, do toque, da carícia, do abraço, do cuidado... que são expressões materiais dessa realidade imaterial constituída de emoções, sentimentos, empatia ou repulsa. Assim se constituem, como dissemos, os distintos grupos ou organismos vivos que integram um conjunto de pessoas. Nesta materialização das relações afetivas, surgem as distintas formas de pares e grupos.

Diversas formas de Afetividade formam a rede viva das relações: o contato é mediação para o vínculo cuja natureza é o cuidado, a proteção, a amizade, o amor, a ternura, a qualificação, a amizade, a empatia, a fraternidade, a solidariedade, a compaixão, a fraternidade, a maternidade, o amor diferenciado e o amor indiferenciado envolvendo a identidade consigo mesma, com a identidade do outro e com a identidade do cosmo.

Entre o padrão da organização das relações de afeto e sua incorporação na estrutura aberta em rede que permitem a sua vigência, está o processo vivo dos contatos, dos vínculos, a Afetividade como acontecimento afetivo nas relações de pessoas, grupos e organizações afins. É o processo vital como processo contínuo dessa incorporação. É essencial entender que o padrão de organização da Afetividade no homem tem forma de uma rede autogeradora. Nossa capacidade afetiva advém dessa potência de amar que emana da fonte da vida em nós e, sempre geradora, se autoproduz.

Se nos sistemas biológicos a estrutura material de um sistema vivo é uma estrutura dissipativa, as estruturas que materializam as relações e vivências das emoções e dos sentimentos afetivos humanos são, pela natureza do afeto, essencialmente abertas. Quando começa um processo de rigidez e inflexibilidade, as relações passarão a entrar na esfera patológica. O afeto é uma relação criadora, renovadora, reguladora e integradora. Tem a dimensão do permanentemente novo e surpreendente. O afeto é cercado de erotismo, sensualidade, criatividade, vitalidade e realização. Podemos dizer que as quatro dimensões (forma, matéria, processo e sentido) da Afetividade, funcionam por um processo complexo em rede. No exemplo do

metabolismo de uma célula apresentado por F. Capra, podemos esclarecer esta idéia:

Consiste em uma rede (forma) de reações químicas (processo), que envolve a produção dos componentes da própria célula (matéria) e respondem cognitivamente, ou seja, através de mudanças estruturais autodeterminadas (processo) às perturbações do ambiente. Do mesmo modo, o fenômeno do surgimento espontâneo é um processo característico das estruturas dissipativas (matéria), que envolve múltiplos elos de realimentação (forma) (CAPRA, 2002:84).

No caso de uma organização social ou sistema social, segundo este autor, o elemento central em qualquer análise sistêmica:

[...] é a ‘noção de organização’ ou ‘padrão de organização’. Os sistemas vivos são redes autogeradoras, o que significa que o seu padrão de organização é um padrão em rede no qual cada componente contribui para a formação dos outros componentes. Essa idéia pode ser aplicada ao domínio social, desde que as redes vivas de que estamos falando sejam identificadas como redes de comunicações (CAPRA, 2002:102)

Capra acrescenta um significado suplementar às organizações (empresas, organizações políticas). Os sistemas sociais produzem estruturas materiais e imateriais, como organogramas e regras de comportamento que facilitam a tomada de decisões no exercício do poder e corporificam o exercício do poder.

Com certeza, não é fácil compreender a aplicabilidade dessa epistemologia ao fenômeno da Afetividade. Primeiro, reconhecemos que, se a Afetividade se expressa como fenômeno de agrado, cuidado, empatia, compreensão, solidariedade, respeito, etc., é um fenômeno que brota de um “padrão de organização” sistêmica que tem as características de uma cognição prévia,

instaurada e pré-disposta na estrutura genética, na rede de instintos que reagem por fatores internos ou externos a nós. Essa realidade, como dissemos, tem a forma de uma rede e, diríamos, de uma fonte, de um manancial de onde surge a energia que produz e sustenta a rede de relações por meio do contato e do vínculo conseqüente. No padrão de organização do afeto, há estruturas materiais, genéticas, instintivas, viscerais, orgânicas; portanto, estruturas imateriais de valores, de certas normas culturais, e também de sensibilidade, desejos que são deflagrados em forma de vivência, de emoção e de sentimentos efetivos e vigentes de amizade, fraternidade, solidariedade, compaixão.

Avançando um pouco mais na nossa abordagem, há formas concretas, organizacionais e comportamentais que materializam a rede de relações. Porém a experiência ou a vivência originária é determinante sobre a organização e vigência dessas relações. O processo de incorporação e atualização do potencial afetivo, desencadeado e deflagrado pelos fatores presentes, particularmente os mais potentes como a presença do outro guarda, incrível possibilidade do novo, facilitando às relações pessoais e de grupo infinita possibilidade criativa de expressão e movimento, mas uma estrutura aberta e dinâmica, permitindo as mudanças e uma solidez maior nos vínculos, uma efetiva mudança na qualidade de vida originária dessas vivências construtivas, formadoras e integrativas da identidade pessoal, de grupo e de organização.

Começando a integrar os quatro elementos do modelo teórico, vemos que: A dimensão do significado da vivência da Afetividade, última dimensão dessa estrutura complexa de conhecimento é também a “*renovação orgânica e o resgate das condições originárias da vida em nós*”. As idéias, valores, saberes, crenças nascidas dessa vivência constituem estruturas de significado ou “estruturas semânticas” afetivas. Essa estrutura semântica e os padrões de organização da rede afetiva,

Corporificam-se fisicamente em alguma medida no cérebro dos indivíduos que pertencem à rede. Podem também se incorporar em outras estruturas biológicas por meio de efeitos da mente sobre o corpo [...] (CAPRA, 2002:103).

E o físico acrescenta que:

Descobertas recentes das ciências da cognição nos dão a entender que, como a mente é sempre encarnada, ou corporificada, existe uma interação contínua entre as estruturas semânticas, as neurais, e outras estruturas biológicas (CAPRA, 2002:103).

A natureza das relações afetivas pode gerar novas formas de ser e de viver, uma nova cultura do amor, com expressão em todas as dimensões das organizações sociais e culturais. Claro que a tendência da ordem cultural é cristalizar-se e perder a abertura flexível e criativa para o novo e surpreendente conteúdo da vivência afetiva. Entrar em contato profundo com a vida do outro nos mobiliza, além de qualquer explicação ou justificativa, a um impulso de amor solidário, fraterno, de compaixão. É aí o nascedouro da ética. Essa ética organizada e incorporada na cultura torna-se moral e pode perder a dinâmica da vida da qual ela nasceu. Na maioria das culturas distintas das culturas indo-européias, viviam-se estruturas sociais e organizações culturais que se integravam de forma mais conectada e amorosa com a vida no planeta, expressavam esse cuidado pela vida no cuidado com a comunidade, onde não havia fome, miséria, marginalidade, exclusão.

2.1.4. Um olhar para os horizontes da vida: As mudanças estruturais desse padrão em rede são compreendidas como processos cognitivos que, por fim, dão origem à experiência consciente e ao pensamento conceitual. Nenhum desses fenômenos cognitivos é material, mas todos são incorporados, decorrem num corpo – nascem de um corpo e são moldados por ele. Isso significa que a vida nunca está separada da matéria, muito embora suas características essenciais – organização, complexidade, processos, etc –sejam imateriais (CAPRA, 2002:103) Contudo, podemos afirmar que a expressão da Afetividade passa sempre pela corporeidade. Um olhar de ternura, de raiva, de ódio; um toque de cuidado, de carícia, um abraço com desvelo, um presente, uma fala

de qualificação; um ato de amor, de entrega, de fusão tem sempre uma expressão corporal, expressão material.

Por isso também, para Capra, a compreensão sistêmica da vida, e eu acrescento, da Afetividade, pode ser aplicada ao domínio social, acrescentando o ponto de vista do significado aos outros três pontos de vista. Significado = expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva, possui uma multiplicidade de características inter-relacionadas (CAPRA, 2002:103).

Nessa quarta dimensão de abordagem sistêmica trata-se de considerar o significado da Afetividade na vida humana como fator de integração em todas as dimensões da realidade em que se expressa dinamicamente. Esse fator de integração é o afeto. A Afetividade não é um organismo vivo, mas a primeira e grande característica da vida, expressa como potencial no ser pessoal e num grupo humano. A vivência da Afetividade é momento originário e constitutivo de relações que tendem a se estabilizar e formar um modo de ser e de viver, uma cultura em rede.

No fenômeno social nos deparamos com regras de comportamento, valores, intenções, objetivos, estratégias, projetos, relações de poder que ocorrem praticamente no mundo humano. Partilham todas de uma característica básica que nos proporciona um vínculo natural com a visão sistêmica da vida (CPRA, 2002: 86).

A autoconsciência surgiu na evolução dos nossos antepassados hominídeos, junto com a linguagem, o pensamento conceitual, o mundo social dos relacionamentos organizados e da cultura. A consciência reflexiva está ligada à da linguagem e do contexto social desta e também, a compreensão da realidade social está inextricavelmente ligada à da consciência reflexiva. (CPRA, 2002: 86).

Especificamente:

A nossa capacidade de reter imagens mentais de objetos materiais e acontecimentos parece ser uma condição fundamental para o surgimento das características

fundamentais da vida social. A capacidade de reter imagens mentais nos habilita a escolher entre diversas alternativas, o que é necessário para a formulação de valores e de regras sociais de comportamento. Os conflitos de interesse baseados na diferença de valores, estão na origem das relações de poder. As intenções, a consciência de uma finalidade e os projetos e estratégias necessárias para a consecução de objetivos – todas essas coisas exigem a projeção de imagens mentais para o futuro (CPRA, 2002: 86).

O mundo interior dos conceitos, idéias, imagens e símbolos é uma dimensão essencial da realidade social e constitui o “caráter mental dos fenômenos sociais”, “dimensão hermenêutica” (CAPRA, 2002:86). A linguagem humana, por ser simbólica, envolve a comunicação de um significado e as ações humanas decorrem de um significado que atribuímos a um ambiente que nos rodeia. O fator essencial de conhecimento que nos leva a atribuir um significado a tudo o que nos rodeia é a Afetividade. Por todas as coisas pelas quais somos tocados, somos mobilizados à aceitação, ao agrado, à empatia ou à rejeição.

Nesta dimensão de significação consciente e vivencial, aborda-se o sentido da Afetividade, desse todo vivido, conscientizado, tornado expressão racional e poético-vivencial. Um sentido que se efetiva na satisfação ou crescente ampliação de uma qualidade de vida, um sentido de abundância e de saciedade que brota do mais profundo da natureza afetiva do nosso ser.

Esses são os quatro pilares epistemológicos para o estudo da realidade da Afetividade, sugeridos e elaborados por F. Capra para a abordagem das organizações sociais. Para nosso entendimento, são assim instrumentos para uma abordagem sistêmica e complexa do fenômeno genético-orgânico-vivencial e racional da Afetividade, uma vez que é ela que dá o caráter primeiro e integrador de organismo vivo a qualquer organização permeada pelo amor.

O significado ou o sentido da Afetividade na vida e nas redes de relações é captado pelas exigências naturais internas do ser afetivo, pela capacidade reflexiva sobre nossas vivências e experiências, permitindo perceber que o sentido fundamental é a

Integração Afetiva da Identidade na ontogênese de nosso ser, através da expressão e desenvolvimento dos potenciais humanos de criatividade existencial, de vitalidade, de conexão dos desejos mais profundos e da realização prazerosa de nossas ações. É ainda a realização das nossas conexões profundas conosco mesmo, com os outros e com a totalidade da realidade. Na troca afetiva, a possibilidade da abundância da vida em plenitude em todas suas dimensões.

3. CONCLUINDO

O desejo de engendrar formas de propiciar processos de integração de grupo depende essencialmente de nossa vontade, decisão e criatividade em realizar nosso objetivo. O essencial é o sentimento de amorosidade que deve “permear nossa sala de aula” (Paulo Freire), traduzindo-se em reiterado movimento de qualificação, amizade, amor indiferenciado, conexão permanente com a experiência de cada educando.

Inúmeros depoimentos de educadores indicam que efetivamente é o processo de integração afetiva de cuidado, de valorização, de contato e de vínculo nutritivo que aciona e torna presente a base estrutural da motivação para a construção do conhecimento. Tendo presente que nossos alunos têm em si mesmos e por natureza um potencial afetivo inerente à estrutura da identidade, podemos acreditar no desencadeamento de processo vivo de relações afetivas em rede. Acionadas essas potencialidades de relação, o grupo se torna o organismo vivo que potencializa suas capacidades criativas, seus potenciais políticos, de paixão pela pesquisa, sua consciência crítica, sua expressão de organismo vitalizado, integrado, dando base para o respeito e a verdadeira autoridade que brota do amor. Podemos inverter a dinâmica atual do amor pelo poder pelo poder do amor. O fundamento da autoridade do professor é a afetividade articulada na relação com os alunos. A base estrutural do conhecimento é a afetividade e seu instrumento é a inteligência afetiva.

Criando-se uma estrutura de relações incorporadas em sala de aula, num processo dinâmico, aberto, teremos no horizonte a perspectiva educativa fundamental que é a expressão e desenvolvimento integrado dos potenciais humanos do desejo e do prazer, de saudabilidade do movimento vital, enfim, de integração profunda da identidade pessoal e do grupo consigo mesmo, com o outro e com o cosmo. Em definitivo: a expressão e integração da identidade humana pela afetividade.

Ultrapassando esta reflexão, queremos na seqüência deste trabalho, desenvolver a temática, fundamentando nossas reflexões em autores recomendados para o estudo da afetividade: Wallon, R. Spitz, Vigotsky e Rolando Toro, assim como tantos outros autores que abordam aspectos da afetividade como: o cuidado, a ternura, o amor, etc. Pretendemos estender a investigação para múltiplas e complexas dimensões às quais a afetividade faz referência

4. BIBLIOGRAFIA

- DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. AFETIVIDADE: Convergência entre Educação Biocêntrica e a Educação dialógica de Paulo Freire. Pensamento Biocêntrico, páginas 11-34; www.pensamentobiocentrico.com.br
- AFETIVIDADE. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation.
- TORO, Rolando. Biodanza. São Paulo: Editora Olavobrás / EPB, 2002
- GÓIS. Cezar Wagner de L., Biodança: Identidade e Vivência. Edições Instituto Paulo Freire do Ceará: Fortaleza, 2002.
- SPITZ, René A. *O Priemiro ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, s.d.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento -As bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, Editorial PSY 11, 1995 (orig. esp. 1985).

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002

MODELO TEÓRICO. EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation.

SIGNOR, Dorly. *Filosofia e Biodança*. Santa Maria: Editora Palotti, 2003.

BRASIL – LUGAR DA ESPERANÇA

Alessandra Bosco - Itália

Tradução de Myrthes Gonzalez

De porto alegre aos mistérios da capoeira. Cinco dias no fórum social mundial que ajudam a redescobrir “um país tão rico com gente tão pobre”

Horizontes

Existem aqueles que por profissão olham por terra.
São aqueles que olham pelos pedestres nas noites de música pela rua.

Entre corpos em festa

Tambores, cores, energia, vida.

E eles ali, imóveis

O chefe deitado entre os cruzamentos da rua

Entre os córregos de líquen

Dos humores da cidade que escorre

Depois de um gesto leve

Como um vento que se reclina

Recolheu a latinha vazia do chão

E se foi

A mulher, depois segurou o meu braço

E com doçura

Falando com os olhos

Pedi-me aquela que eu tinha em minhas mãos.

Impotente, a coloquei em sua sacola transparente.
Levantei a mão para dizer ‘tudo bem’.
Mas não é verdade, não vai tudo bem.
Salvador continua a canta
Movendo-se sinuosa e bela
Ri acalorada
Enquanto aqueles que por ofício olham o chão e
agradecem.
Ouvi os turistas dizerem ‘ao menos elas deixam a cidade
limpa’.
Eu os levaria longe
A olhar o horizonte do mar
A voar alto
Salvador-Bahia – 19.02.2005

“Este país é assim tão rico com esta gente assim tão pobre”. Assim iniciou, com as palavras de um amigo brasileiro, sob o imenso céu de Porto Alegre, minha viagem pelo Brasil. Os primeiros cinco dias passaram com velocidade e entusiasmo do Fórum Social Mundial, este evento global e profundamente humano, nascido em 2001, para fazer ouvir a voz da sociedade civil sobre a justiça social, democracia, ambiente, paz, identidade, cultura, direitos humanos, mulheres, indígenas, o respeito a todas as diversidades e a liberdade de contá-las.

A resistência contra a violação da condição humana e a generosa utopia segundo a qual ‘um outro mundo é possível’ mobilizaram 150 mil pessoas de todos os continentes que se encontraram discutindo, confrontando idéias e práticas, constituindo redes, iniciativas, possibilidades. Ou também somente para ser e esperar todos juntos um mundo melhor.

E assim, por quase uma semana de vida em comum, percorrendo a beira da lagoa da cidade como um passeio que conta a beleza do mundo e a sua criatividade vista nos numerosos seminários que participei, escolhidos entre centenas do programa – de diversas densidades e qualidades que num caos apenas aparente se dispõe ao longo do espaço de alguns quilômetros do fórum.

Esta festa mundial da diversidade traz a mensagem de resistência até mesmo na irredutibilidade de algumas experiências de fórmula fraca e poucos pontos de programa. Ao mesmo tempo, é exatamente esta irredutibilidade que pode ser considerada um limite de onde se vislumbra uma passagem durante o fórum do tempo do protesto para o tempo da proposta, tendo em vista que o movimento pela justiça global está mais incisivo em se mostrar ao mundo.

Na realidade o Fórum nasceu como um contraponto à reunião econômica de Davos, que reúne todo ano na estação de esquí, Suíça, os representantes do poder econômico, financeiro e político mundial. Nestes anos o crescimento constante do fórum mundial e das edições regionais – o fórum europeu que aconteceu com sucesso em Florença no ano de 2002 e em Paris e Londres nos anos sucessivos- trouxe numerosos comentários sobre a necessidade de se fazer uma passagem para formas mais estruturadas de organização capaz de estabelecer um confronto e um diálogo direto com os atores econômicos e políticos mundiais.

Esta ultima parece antes de tudo uma exigência européia, de frente a maioria sul americana mais relutante a colocar-se contra o poder mundial e que pensa a si mesmo como sociedade em movimento. Por exemplo, através das numerosas experiências de rede de economia solidária, os sul americanos se reconhecem capazes de criarem ligações espontâneas de solidariedade horizontal, de reconstruírem comunidades seja rurais ou urbanas em grau de trocar bens e serviços, de reproduzir se e ter sentido autonomamente, até com o reconhecimento, muitas vezes, da esfera pública. É notório o exemplo da sociedade Argentina que esta organizada em 17 redes de economia solidária através do tecido econômico e social do país.

Vislumbra-se assim a trama sutil do debate sobre formas antigas, modernas e pós modernas de fazer sociedade e gerar transformação social, em confronto com uma diferente articulação entre estado, mercado, e sociedade e uma diferente dramaticidade das questões sociais.

A atmosfera de Porto Alegre

Além deste cenário, o fórum é sobretudo a extraordinária energia e vitalidade de testemunhar uma certa forma de estar no mundo, que cuida do mundo – dou-me conta enquanto encontro milhares de pessoas, cada final de tarde aplaudindo o por do sol.

É nesta atmosfera de grande vitalidade coletiva e profundo e renovado humanismo que experimentei o primeiro projeto social brasileiro de minha viagem, conduzido por uma ONG de Porto Alegre. A **RINACI** propõe um processo de transformação social através da promoção da cidadania e integração de valores da paz, da ética e dos direitos humanos no âmbito das instituições e grupos sociais.

A metodologia é original porque se baseia sobre a filosofia do movimento internacional de **biodanza** fundado nos anos sessenta por um antropólogo chileno que fala do princípio biocêntrico- a vida como referimento central na conduta individual e coletiva. A biodanza, nas palavras do fundador Rolando Toro, “mais que uma ciência, é uma poética do encontro humano, uma nova sensibilidade diante da existência”. De fato a biodanza “responde a questões de mudança social partindo da sede das emoções que é o corpo e propondo uma cultura da vida, de respeito e amorosidade em relação a si mesmo, aos outros e a natureza”.

Os rapazes e moças da **ONG RINACI** fazem a intervenção através da dança, expressão artística e poética, promovendo experiências de integração afetiva, de solidariedade e de desenvolvimento do potencial criativo e vital. No fórum a experiência da biodanza reuniu centenas de pessoas. Pegas pelas mãos como uma ciranda onde cada um tem o seu lugar, convidados por belíssimas músicas experimentamos um mundo melhor celebrando a alegria de viver.

Em passos de dança fiz também o caminho do espaço global do fórum que me levou para dentro do Brasil, entre as ruas antigas e lentas de Porto Alegre, na sede da ONG onde encontro alguns dos fundadores da **RINACI**.

O grupo que idealizou esta forma de intervenção é unido, compacto, se vê que aplica internamente **o princípio biocêntrico** que origina sua atuação social. Respira-se um ar de paz e fluidez

entre eles que envolve prazerosamente a mim também. Antropólogos, psicólogos, pedagogos, atuam juntos com paixão e profissionalismo realizando, por exemplo, projetos que envolvem mulheres em situação de violência e crianças e adolescentes provenientes de famílias carentes, com o objetivo de “não dar o peixe mas ensinar a pescar” através de um processo de integração.

A integração social esta agregada e refletindo uma dimensão ainda mais visionária dentro do projeto, se trabalha também a realização em rede de troca de bens, serviços trabalho para todos os operadores, membros e participantes das atividades do **RINACI**, porque cada atividade humana tem o seu valor dentro da rede de cidadania. Lindo, uma pequena cidade que celebra a vida.

Os projetos do governo Lula

Em viagem para São Paulo tive tempo para compreender o sentido iniciático das palavras partilhadas em Porto Alegre – um país tão rico com um povo tão pobre. No ônibus um desfile grandioso de natureza – terra vermelha até o horizonte, campos verdíssimos, batendo as asas como uma águia – uma humanidade dolorida- poucas casas miseráveis espalhadas entre o campo e a periferia dos centros urbanos onde a vida absolutamente luta furiosa com os arranha céus da megalópole paulista.

Não ha dúvida, aqui o ideal de justiça social se torna mais pesado, mais denso, mais radical do que possa ser em qualquer lugar da Europa. O Brasil é campeão de desigualdade: 1% da população mais rica possui o mesmo que 50% da população mais pobre: sobre uma população de cerca de 176 milhões de pessoas, 56,9 milhões vivem abaixo da linha de pobreza e 24,7 milhões vivem na indigência. O salário mínimo é de 70 euros ao mês, enquanto bastaria 1%do rendimento do país para erradicar a indigência. E 5% para erradicar a pobreza.

É nesta realidade que se insere o programa “fome zero” do presidente Lula, enquanto um outro programa “bolsa –escola” (bolsa de estudos), incentiva a retirar as crianças do trabalho

infantil e recolocá-las no circuito de instrução compensando as famílias que escolhem este investimento em longo prazo.

Sempre no âmbito desta base do desenvolvimento humano que é a instrução, educação e cultura, visitei a secretaria de educação do estado de São Paulo que, em colaboração com a Unesco, promove o programa “escola para família”.

O objetivo é o resgate da cidadania através da instrução, a educação para a convivência, ao encontro da paz, das relações comunitárias dentro da escola, da família, da cidade. A idéia inicial é que a escola tem particular responsabilidade na construção de um mundo mais social. Como recorda a coordenadora do projeto Heleninha – uma brilhante pedagoga orgulhosa de suas origens italianas- “tradicionalmente a escola ficou no limbo, não tomou uma posição a respeito da construção da sociedade, sobre as grandes questões da paz e da guerra. Agora é hora de escolher, se trata de construir a paz. Estamos construindo o sonho de uma escola que reforça a ligação cívica, a inclusão social, a auto estima e a identidade cultural da população. Fazemos isto através da brincadeira e do amor”

De fato, ir a escola é a coisa mais divertida a fazer durante o final de semana paulista para as crianças, jovens e famílias, vizinhos e para toda a comunidade. As 5306 escolas de todos os graus dos 645 municípios do estado de São Paulo abrem no sábado e no domingo e a escola se torna lugar de encontro, de brincar, de cultura e troca entre gerações.

Em oferta, cursos de todo o gênero, dentro de quatro zonas principais: esporte, cultura, dança e ginástica: é possível participar de um grupo teatral, ou de um círculo de escrita criativa, um de pintura ou aprender dança do ventre e a fazer pão, língua estrangeira, informática, artesanato, eletrônica, discutir prevenção sanitária e primeiros socorros, fazer escola de teoria musical e danças populares...

A organização é impecável e os números são impressionantes: em cada escola há um educador que coordena todas as atividades – 5306 oficineiros de final de semana – coordenados por área por 315 educadores que são, por sua vez, coordenados por 89 diretores de outras tantas áreas regionais em que esta dividida a rede de ensino. Nas escolas, a oportunidade do

esporte, cultura e qualificação profissional e de educação sanitária são conduzidas por 5000 professores , 33 mil voluntários, 30 mil estudantes universitários que recebem bolsa de estudo e se comprometem de prestar serviços à comunidade em seu percurso acadêmico. Cada mês 7 milhões de pessoas freqüentam a escola para família.

O programa conduz a efeitos imediatos – nos finais de semana as taxas de criminalidade se reduzem em 30% - é no médio e longo prazo se espera resultados mais consistentes em termos de reforço de laços sociais e pertencimento a comunidade, à cidade, à escola e à família, “quando a mensagem de convivência estiver interiorizada por todos e, como se colo cassemos um cinto de segurança, será o patrimônio cultural compartilhado.”

Construir a paz também tem custos, se vê o notável suporte de voluntários e associações de cunho educativo existentes no programa. Basta sonhar. Na realidade, aquilo que toca, nestas oficinas da secretaria de educação do estado é a linguagem. Por algumas horas , é todo um falar de sonhos, amor, paz, solidariedade, brincadeira... apresentando o programa. Fala assim inclusive o secretario do estado para educação, Gabriel Chalita, um professor de menos de 40 anos: “A escola para a família é uma escola de acolhimento,um espaço de luz. A escola não pode ser triste, chata. A palavra ‘saber’ e a palavra ‘sabor’ têm a mesma origem. O saber deve ser saboreado. Educar é um ato de cumplicidade, de troca, de amor, ao qual toda a comunidade deve participar. Depende de todos nós, educadores, pais ,alunos, construir a escola de nossos sonhos”.

O movimento dos sem terra

Reiniciei minha viagem para o norte, para Salvador da Bahia, fazendo uma imersão dentro do Brasil “terra dos contrastes”. Terra sobre tudo. Sem fim. 28 vezes o tamanho da Itália, 600 milhões de hectares cultiváveis, a possibilidade de três colheitas por ano, sem neve, ciclones, desertos ou vulcões para limitar a capacidade produtiva. A maior bacia hídrica do mundo.

Os contrastes, depois , inéditos. 1% dos proprietários de terra possuem 46% da terra cultivável e muitas vezes não a cultivam, enquanto que 46 milhões de famílias de trabalhadores rurais não tem terra e somente 32 % dos brasileiros come o suficiente. O êxodo para as grandes cidades é um apocalipse- 30 milhões de pessoas em 30 anos – que se empilham nas favelas dos centros urbanos que lhes oferece como horizonte, somente outra pobreza.

É para mudar esta tocante realidade que junta a outros movimentos sociais e sindicais , que o movimento de trabalhadores sem terra (MST) reivindica reforma agrária, argumentando que podem trabalhar e assim nutrir a nação conforme um modelo sustentável e inclusivo. Nascido há vinte anos a partir de um movimento da igreja católica, este movimento organiza camponeses de todo o país, promovendo ações legais e formas de pressão política através da ocupação de terras não cultivadas para dar aos camponeses.

A viagem a um dos acampamentos no interior do estado da Bahia foi verdadeiramente uma viagem no tempo, como se reencontrar no meio de uma luminosa história de solidariedade e identidade popular como foi com os *fasci* sicilianos no final do século 19.

Os dias de chuva tropical, com o barro bem acima dos tornozelos ao longo dos campos sem cultivo, encontrei algumas famílias que ocuparam um pedaço de latifúndio. Mulheres, homens e crianças vivem em casebres de madeira há oito anos, esperando que as formalidades legais se cumpram e, talvez, recebam 8 hectares de terra por família. Neste ínterim vivem sem água, sem luz, sem produzir nada por que a ordem de posse pode vir a qualquer momento, esfomeados de terra, sobrevivem graças à solidariedade das famílias que já ganharam a sua terra e a cultivam. À noite arriscam a vida, como os 1671 camponeses, sacerdotes, sindicalistas mortos nos últimos vinte pelos capangas dos latifundiários.

Neste espaço desolado porem não falta a escola para adultos e para crianças, nem a dignidade de pensar-se como o povo que trabalha para nutrir todo o Brasil- como sublinho uma bela mulher negra na assembléia.

O fascínio da capoeira

A ultima etapa da minha viagem através de meios de transformação social foi a capoeira. Desde 1500 que os escravos trazidos da África e colocados no campo e na mineração brasileiros dançam como forma de resistência. A escravidão que arranca do lugar de origem, das tradições, estruturas familiares e sociais reduzindo o homem à mercadoria, braços para o trabalho, era combatida assim, dança arte marcial que representava esta condição, ensinando a batalha virtual contra o opressor e celebrando a identidade africana. Por 350 anos de escravidão, a capoeira representou a vitalidade incontível da cultura e identidade de um povo que atravessa o tempo ate ser liberada no ano de 1937 por um presidente brasileiro que assistiu uma apresentação e autorizou a prática que até então era clandestina. Hoje a capoeira é ensinada nas escolas e faz parte do patrimônio cultural de todos os brasileiros, enquanto o presidente Lula promoveu o reconhecimento da comunidade negra pedindo desculpas a África pela escravidão.

Foi uma emoção muito profunda participar da capoeira de um grupo de rapazes e moças negros de um bairro pobre de Salvador, dentro de um templo da religião afro brasileira “candomblé”, no ritmo cadenciado dos instrumentos musicais tradicionais e dos cantos do mestre, o professor. Toda roda, reproduzia aquela forma perfeita que é o acompanhamento da música com as mãos, enquanto se alternam os jogadores ao centro para desafiar e jogar, sem deixar de primeiro prometer lealdade e aceitação da vitória ou da derrota.

A virtude da capoeira se exprime nos gestos de ataque e defesa sem contato físico com o adversário. Representação de potência e agilidade, fogo e ar sublimados, acrobáticos e estéticos. A roda representa a vida, a dinâmica interna do circulo é o microcosmo da vida fora. O desafio segue um ritual preciso e seus valores são o respeito ao adversário, a responsabilidade, a esperteza, a segurança e a liberdade.

A nobreza da capoeira esta na escola de vida para a dezena de crianças e adolescentes que freqüentam as aulas nesta comunidade pobre através de um mestre voluntário. Depois da

capoeira ainda há atividades de percussão e dança. A ONG Bancoma que coordena as atividades há 2 anos realizou um espetáculo que foi em turnê pela Itália por 40 dias, graças a uma rede de voluntários que encontrou os espaços para a exibição.

Pode-se refazer é só sonhar.

É isso que se ensina no Brasil generoso que ama a vida.

QUE HOMEM É ESTE?

UM MISTO
DE SÁBIO
PROFETA
INOCENTE
CRIANÇA
ÁRVORE DA VIDA
SEIVA VIBRANTE
DE CLOROFILA.
RESPIRA AMOR
INCITA AFETO
JORRA SEXO
LIBIDO A FLOR DA PELE.

QUE HOMEM É ESTE?
QUE MEXE
COM A MENTE
COM OS MEMBROS
COM AS VÍSCERAS
COM A ESSÊNCIA
DE HOMENS EM RODA
GIRANDO EM BEIJOS
E ABRAÇOS
QUE CURAM
QUE CELEBRAM
QUE ENCARAM
A NATUREZA

BRUTA
BELA
DE HOMENS
COMUNS
VENCEDORES
DERROTADOS
EXTASIADOS
DEPRESSIVOS
VELHOS
JOVENS
"NORMAIS"
SIMPLESMENTE
HOMENS.

QUE HOMEM É ESTE?
QUE COMO UMA ÁRVORE
LANÇA SEUS FRUTOS
AO MUNDO
PARA SEREM SABOREADOS
DEGUSTADOS
E LANÇA AS SUAS SEMENTES
DA ÁRVORE
DA SAÚDE
DO VÍNCULO

DO PRAZER
DA EXPRESSÃO
DO TODO.

PARA TODOS AQUELES
QUE QUEIRAM CONHECER
A METODOLOGIA
DESTA INTELIGÊNCIA AFETIVA
DO NEGRO GATO
MANHOSO
INOCENTE
SAFADO
E MÁGICO

QUE SE CHAMA
ROLANDO.

E A RODA GIRA
E UM HOMEM TORO
GIRA NA RODA DA VIDA
BENDITO SEJA
ESTE VELHO
HOMEM MENINO
POETA E ETERNO.

Biodanza® e Autoregolazione organica

Sérgio Cruz

La Biodanza® è un sistema ideato dall'antropologo cileno Prof. Rolando Toro, con la finalità di favorire lo sviluppo umano, utilizzando un insieme di "esercizi-danza" e di musiche selezionate chiamati "vivencias". Il termine "vivencia", significa secondo il filosofo tedesco Wilhelm Dilthey, "istante vissuto intensamente". Essendo la Biodanza® un "metodo vivencial" utilizza la capacità di sentire con intensità e coinvolgersi a livello corporale, lavorando l'affascinante esperienza del "qui e ora".

Si tratta di ritrovare il movimento pieno di senso, o il movimento vitale, con anima ed emozione. Integrare la percezione (il sentire) e la motricità (il fare), portando i nostri movimenti a divenire più integrati, e a riscattare il piacere e la motivazione per muoversi.

In Biodanza®, secondo il Prof. Toro(*), si utilizzano questi esercizi-danza o "vivencias" per stimolare e integrare le funzioni originarie della vita, che sono le funzioni istintive del sistema neurovegetativo, i meccanismi di lotta e fuga, gli stati di veglia e sonno, la fame e la sazietà, la temperatura corporea, la funzione respiratoria e cardiocircolatoria, il tono muscolare, l'adattamento di protezione allo stress, i meccanismi di riposo, il ristoro biologico, ecc.

La proposta è di attivare in modo armonico gli impulsi istintivi, affettivi e vivenziali in modo da modificare le soglie delle

risposte neurovegetative e rinforzare così, i meccanismi della regolazione viscerale.

Le proposte delle "vivencias" hanno lo scopo di attivare il sistema integratore-adattatore limbico-ipotalamico, e questo si ottiene con esercizi di diminuzione dell'attività corticale, ad esempio, rallentando il linguaggio verbale, l'attività visiva, la motricità volontaria.

In Biodanza®, tutti i movimenti più tonici, che stimolano la vitalità, la forza, l'azione, come gli esercizi di espressione creativa, marcia sinergica, salti, danze ritmiche, giochi ludici, sono "vivencias" di attivazione del sistema nervoso autonomo simpatico-adrenergico, che producono a livello organico fisiologico un aumento della pressione arteriosa sistemica e della frequenza cardiaca, vasocostrizione splenica e periferica, aumento coordinato della produzione di catecolamine, aumento del consumo di ossigeno e del metabolismo ossidativo, ipoglicemia, aumento notevole del flusso sanguigno nella muscolatura scheletrica, ipertonia muscolare, dilatazione pupillare, pilo-erezione, e altro ancora.

Invece, tutti gli esercizi con movimenti rallentati, individuali, a coppie o in gruppo, e anche quelli di stimolazione delle funzioni affettive, sono di attivazione del sistema nervoso autonomo parassimpatico-colinergico, che producono diminuzione del consumo di ossigeno, diminuzione della frequenza cardiaca e respiratoria, della pressione arteriosa sistemica, dei tassi di lattosio nel sangue arterioso, una accentuata vasodilatazione periferica (aumento della sensibilità e calore nella pelle), attivazione del peristaltismo nel tratto digestivo, aumento della secrezione delle ghiandole digestive, diminuzione della secrezione di adrenalina (reazione di benessere e piacere), ecc..

Si verificano, tantissime reazioni organiche fisiologiche collegate ai nostri movimenti ed emozioni. Questo vuol dire che ogni volta che camminiamo si attivano i meccanismi fisiologici dei movimenti periferici espressivi, ed in ogni momento di riposo vengono stimolati tutti i movimenti metabolici, di assorbimento, di adattamento, di regolazione dell'armonia dei sistemi interni.

La Biodanza®, quindi, attraverso il movimento integrato, stimola l'autoregolazione organica in tutte le sue diverse sfumature,

rendendo l'organismo molto più sensibile e soddisfatto, dando un incentivo a ciò che è sano.

Quando ci muoviamo con piacere, riusciamo anche a dormire con pienezza, ossia, ci autoregoliamo. Quando i nostri movimenti quotidiani sono motivati da esigenze vitali, i momenti di rilassamento sono di un vero godimento che ci nutre. Se facciamo "vivencia" nell'azione facciamo "vivencia" nel riposo. Se ci muoviamo in modo automatico o senza emozione non riusciamo ad avere la "vivencia" di autoregolazione organica e rimaniamo in uno stato di "stress" fisico e psicologico.

La vita organica è una "vivencia" di pienezza, sia quando siamo in azione come nel magico attimo di scioglimento, nei momenti di lotta come in quelli di puro amore.

Il mondo così danza, la vita danza, e la Biodanza® lei pure danza.